



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Discursos de género na interação diádica de casal

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

por

Ana Lúcia Moreira Coelho

sob orientação de
Professora Doutora Vânia Sousa Lima

Faculdade de Educação e Psicologia
Porto, Julho de 2014

Agradecimentos

À Professora Doutora Vânia Sousa Lima, por ter contribuído para a minha aprendizagem e desenvolvimento académico e pessoal.

Aos professores da FEP-UCP, por todo o apoio e transmissão de saberes.

Aos funcionários da Biblioteca, por toda a disponibilidade e simpatia.

Ao João, pelo apoio e por todas as palavras de incentivo.

Aos meus colegas de Licenciatura e de Mestrado, pela partilha deste percurso académico. Em especial à Cláudia, Marta, Márcia e Ana pelo suporte que vai para além do contexto académico.

Ao Raúl, pela forma como se evidenciou.

Ao Gonçalo, por todos os momentos pautados pelo humor.

À Daniela, por todos os momentos vividos e por tudo aquilo que ainda representas.

Á Jani, pelo companheirismo vivido ao longo de todos estes anos.

À Jenny e à Carla, pela contribuição ao nível da auto-estima.

Ao Rui e à Sara. Ao Rui, pelo sentido de humor, muito característico. À Sara, pela preciosa ajuda ao nível do inglês.

Ao Joel, porque independentemente da circunstância, sempre estiveste ao meu lado.

Ao senhor Chico e à Ritinha, pelo carinho sempre demonstrado.

À minha família, por ser o meu principal suporte. Porque ao longo de toda a minha vida me proporcionaram um sentimento de pertença permitindo também a minha autonomização.

Ao João e à Maria, porque em todos os momentos críticos, basta um simples olhar para que tudo tenha outro rumo.

Aos meus pais do coração (Lídia, Rafael, Isilda e José), pelos pilares que representam. Nunca conseguirei encontrar palavras para descrever a gratidão e o sentimento subjacente.

Aos meus pais, porque nada disto seria possível sem vocês.

Resumo

O presente estudo pretende contribuir para um aprofundamento das questões de género ao nível da interação diádica de casal.

Através de uma metodologia qualitativa, recorreu-se a 16 participantes (8 casais), recolhidos por intermédio da Couple's Interaction Task – CIT (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998), numa investigação realizada por Lima, em 2009. O presente trabalho tem como objetivo geral identificar e compreender, ao nível discursivo e em função do género, semelhanças/ diferenças na interação diádica de casal. Concretamente, incide sobre aqueles que são considerados os quatros princípios básicos para o estabelecimento da intimidade (Procura de Cuidados, Prestação de Cuidados, Autonomia e Capacidade de Negociação).

Os resultados obtidos permitem verificar uma maior manifestação por parte do elemento feminino no que se refere à Procura de Cuidados, Prestação de Cuidados e Autonomia. A Capacidade de Negociação é maioritariamente expressa pelo elemento masculino. Adicionalmente, os resultados verificados apontam para uma adequabilidade no pedido e prestação de cuidados, na expressão de individualidade e no processo de resolução de conflitos e tomada de decisões.

No final, são apresentadas algumas limitações do presente estudo, bem como, algumas sugestões para investigação futura.

Abstract

The present study aims to contribute to a deepening of gender issues in what dyadic couple interaction is concerned.

Through a qualitative methodology, 16 participants (8 couples) were used, collected through the Couple's Interaction Task - CIT (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998), in an investigation carried out by Lima in 2009. The present work has as its main objective to identify and understand, in the discursive level and bearing in mind the gender function, similarities/differences in dyadic couple interaction. Specifically, it focuses on those which are considered the four basic elements for establishing intimacy (Care Seeking, Care Giving, Autonomy and Negotiation Ability).

The findings indicated a greater manifestation by the female element for the Care Seeking, Care Giving and Autonomy. The Negotiation Ability is mainly expressed by the male element. Additionally, the verified results indicate suitability in the request for care and care delivery, in the expression of individuality and in the conflict solving and decision making process.

In the end, some limitations of this study are presented, as well as some suggestions for future research.

Índice

Introdução.....	1
1. Enquadramento teórico.....	2
2. Objetivos	14
3. Método	14
4. Resultados	19
5. Conclusões	29
6. Limitações e implicações para investigação futura.....	30
Bibliografia.....	32

Índice de tabelas

Tabela 1. Definição das Categorias

Tabela 2. Definição das Sub-Categorias

Tabela 3. Categoria Procura de Cuidados

Tabela 4. Categoria Prestação de Cuidados

Tabela 5. Categoria Autonomia

Tabela 6. Categoria Capacidade de Negociação

Introdução

O conceito de género surge de forma a substituir o determinismo biológico associado ao termo sexo (Nogueira, 2004). Os processos de diferenciação entre os géneros são explicados pelos diferentes papéis atribuídos aos homens e mulheres na sociedade (Deaux, 1984). Estes papéis são internalizados através da socialização, proporcionando uma aprendizagem do papel adequado à identidade do género e das expectativas que lhe estão associadas (Eagly, 1988). Assim as diferenças de género constituem-se importantes implicações no desenvolvimento humano, sendo verificadas em diferentes aspetos, nomeadamente nas relações amorosas na idade adulta.

A investigação no âmbito da interação diádica é diversa, sendo que alguns autores analisam correlatos psicofisiológicos no decurso da interação de casal, diferenças comportamentais em situação de conflito, bem como diferenças ao nível do género (Lima, 2009). Assim, alguns estudos abordam algumas questões de género, nomeadamente na interação diádica do casal (Sneed, Cohen, Chen, Johnson & Gilligan, 2006). A teoria da vinculação constitui-se como basilar para o estudo da interação diádica, pois a forma como cada elemento da díade se relaciona é, em parte, determinada pelas suas experiências precoces de vinculação (Soares, 2007).

O presente trabalho procura destacar a importância do estudo das questões de género ao nível da interação diádica de casal. Deste modo, realiza-se um enquadramento conceptual do conceito de género e das questões feministas. Posteriormente, o enquadramento foca a interação diádica, não dispensando a matriz da vinculação. Por fim, o enquadramento conceptual desenvolve-se em torno do género e interação diádica de casal. De seguida, descreve-se o estudo empírico realizado, através da apresentação dos objetivos, descrição do método, exposição e posterior discussão dos resultados. No momento final, são apresentadas algumas limitações e sugestões para investigação futura.

1. Enquadramento teórico

Género

O conceito de género, emergido nos anos setenta (Dias & Machado, 2008), surge no âmbito das ciências sociais, constituindo-se como um propósito de substituição do determinismo biológico associado ao termo sexo (Nogueira, 2004). Com a introdução deste conceito os psicólogos sociais demarcavam-se da noção de sexo (Amâncio, 1992). Atualmente, as ciências sociais ainda apresentam dificuldade em construir um modelo que analise as relações entre os géneros e que permita a descentração epistemológica do dualismo associado ao sexo biológico (Amâncio, 1999).

As distintas perspetivas teóricas críticas à psicologia tradicional, essencialmente positivista e realista, são frequentemente consideradas pós-modernas. De um modo geral, o pós-modernismo apresenta-se como uma alternativa epistemológica devido à sua conceção do que é o conhecimento (Nogueira, 2004). A perspetiva pós-moderna caracteriza-se por não ser essencialista e valoriza o construcionismo social. Os debates iniciados pelo pós-modernismo e as diferentes perspetivas que na Psicologia são atualmente consideradas, tem implicações fundamentais para a forma como se conceptualiza o género (Nogueira, Neves & Barbosa, 2005). Esta perspetiva considera o género como um sistema de significados que se constroem e se organizam nas interações. Para além disso, considera que o género governa o acesso ao poder e aos recursos. O termo “género”, ao contrário do termo “sexo”, indica noções de construção de significado, expectativas e comportamentos socialmente aprendidos (Denzin, 1995; Anderson, 1997). Assim, o género não se encontra na pessoa mas decorre da interação, das relações sociais (Burr, 1995). Neste prisma, os processos relativos ao género influenciam os pensamentos, os sentimentos e os comportamentos dos sujeitos, afetam as interações sociais e auxiliam a determinação das instituições sociais (Crawford, 1995).

Na Psicologia o conceito de sexo foi substituído pelo conceito de género, implicando uma transformação na conceptualização, não enfatizando apenas a determinante biológica (Dias & Machado, 2008). Crawford (1995), afirma que a distinção entre “sexo” e “género” implicou uma tentativa de diferenciar o biológico do social, permitindo uma análise mais crítica. A partir do momento em que a variável sexo é conceptualizada enquanto um critério de categorização social ao qual estão associados conteúdos descritivos e normativos de modos de se comportar, o objeto da análise desloca-se das diferenças entre homens e mulheres para se situar nos sistemas de crenças associados ao género (Deux, 1985).

Os estereótipos de género referem-se a um conjunto de crenças organizadas e partilhadas acerca das características dos homens e das mulheres (William & Best, 1990). Os

mesmos permitem formar preconceitos que se traduzem em generalizações (Bourhis, Gagnon & Moise, 1996). A difusão de ideias estereotipadas de género conduz a posições e atitudes sexistas que incluem estereótipos de papéis de género tradicionais, comentários e comportamentos depreciativos e objetivação sexual. Desta forma, o sexismo engloba um conjunto de atitudes e crenças negativas, discriminatórias e pejorativas, evidenciadas na vida diária, ao nível pessoal (violência conjugal), profissional (criação de obstáculos na ascensão na carreira) e interpessoal (piadas de cariz sexual) (Nogueira & Saavedra, 2007). Assim sendo, os debates acerca do género têm consequências evidentes e importantes, não se constituindo como meros exercícios académicos (Nogueira, 2001).

A investigação em torno dos papéis de género é abundante. Apesar de tal, o carácter dinâmico dos papéis como entidades socialmente construídas, assume a importância da continuidade deste estudo em conjunto com as mudanças sociais e individuais. Assim é possível uma melhor compreensão das dinâmicas dos relacionamentos íntimos atuais, contribuindo para uma adaptação ajustada e intencionalizada por parte dos casais, face aos diversos papéis a desempenhar (West & Zimmerman, 1987).

No presente, a investigação ao nível do género enfrenta as circunstâncias materiais, raciais e históricas sendo, quase sempre, desenvolvida pela perspetiva do feminismo, mais ou menos crítico e radical. As investigações passadas ao nível do género procuram explicações ou características de indivíduos autónomos (Gilligan, 2012).

Em contexto nacional, o género tem sido amplamente estudado (Nogueira, 2001; Nogueira, Neves & Barbosa, 2005; Nogueira & Saavedra, 2007; Dias & Machado, 2008). Ao nível da Psicologia Social, de uma forma internalizada, crítica e reflexiva, existe a incidência nas implicações da construção social, nas narrativas sobre o amor e nas relações de intimidade da mulher heterossexual (Neves, 2007). Ao nível da Sociologia, salientam-se estudos de papéis de género face à divisão do trabalho e à organização familiar (Albodim, 2010).

Existem, por exemplo, estudos ao nível do género e violência conjugal (Dias & Machado, 2008). Vários autores (Miller & White, 2003; Anderson, 2005) realçam a necessidade de ter em conta o género para se perceber o fenómeno da violência conjugal. Anderson (2005) indica que o debate, existente nas últimas décadas, da relação entre o género e violência, negligencia a definição e avaliação do género. Miller & White (2003) indicam que é na forma pelo qual o género estrutura as relações, que se encontra a natureza genderizada da violência conjugal. Sendo a violência um fenómeno cultural e adotando a conceção de que o género influencia o significado de ser mulher e de ser homem e o modo como interagem, a violência deve ser incluída na análise do género e das relações de género (Dias & Machado, 2008).

Nogueira, Neves e Barbosa (2005) realizam um trabalho em torno do conceito de género, de cariz teórico e epistemológico, que assenta nos paradigmas construtivistas e nas

teorias críticas. Através destes paradigmas, a leitura sobre o gênero, permite o acesso a realidades co construídas, localizadas e específicas e cuja origem do conhecimento emerge de reconstruções individuais e coletivas em torno de um consenso. Deste modo, é assegurada a possibilidade desta abordagem permitir a (des) construção de representações e fenômenos psicológicos, através da ação discursiva. Este trabalho destaca a influência das controvérsias pós-modernistas e as diferentes abordagens consideradas presentemente pela Psicologia, ao nível da conceptualização de gênero. Deste modo, torna-se indispensável a importância do feminismo em torno do estudo de gênero (Nogueira, Neves & Barbosa, 2005).

Feminismo e o estudo de Género

As teorias feministas abordam essencialmente a questão de como se mantêm e reproduzem as relações assimétricas de poder entre homens e mulheres (Rocha, 2007). A mudança necessária à plena igualdade, consiste no objetivo central dos movimentos feministas. Existem três vagas que podem ser identificadas no movimento feminista. A primeira vaga, em meados do século XIX, onde as principais reivindicações foram o direito ao voto e o acesso ao estatuto de “sujeito jurídico”. A revolução industrial, num primeiro momento, e as duas grandes guerras num segundo momento, constituíram as principais causas desencadeadoras. A emancipação das mulheres de um estatuto civil dependente e subordinado e a reivindicação pela sua incorporação no estado moderno e industrializado, foram as principais preocupações nesta fase. A segunda vaga, decorrente dos movimentos do pós 2ª Guerra Mundial, e que se destacou pela chamada das mulheres na participação no mercado de trabalho e a invenção da pílula contraceptiva. A euforia empresarial, o aumento dos padrões de vida, os movimentos estudantis e um conjunto de inovações tecnológicas e científicas, constituem os fatores desencadeadores para o desenvolvimento desta segunda vaga. A percepção das mulheres como seres dependentes, subvalorizados e isolados era a grande preocupação das feministas desta época. Assim, existiu um número cada vez maior de mulheres que questionavam o valor do casamento e as questões parentais. Em meados da década de 80, o feminismo não se evidenciou do mesmo modo, sendo que os meios de comunicação referiam a indiferença às lutas feministas travadas no passado. Deste modo, a terceira vaga é denominada pós-feminismo. A terceira vaga, a atual, é reclamada pelas desigualdades legais, políticas e socioeconómicas. Formalmente os objetivos formam conseguidos, no entanto, persiste uma distância entre a igualdade legal formal e a política e a prática diária (Nogueira, 2001).

Através desta conjuntura surge a Psicologia feminista, pelo reconhecimento do estado de “ausência de mulher” na ciência e do consenso básico de que as questões das mulheres e as questões de gênero tinham de ser integradas na teoria e na investigação (Welsh, 1992). A

Psicologia feminista pretende uma visão mais adequada e compreensiva não só dos efeitos do género na construção do conhecimento mas também de outros sistemas de classificação social (e.g. classe social, orientação sexual e raça). A mesma, procura perceber o enquadramento das pessoas (mulheres e homens), o contexto social envolvente, a tomada de perspectiva do ser humano com base em aspetos relacionais e a construção de significados e dos conhecimentos através da interação (Neves & Nogueira, 2003).

Interação Diádica

O estudo relativamente à interação diádica do casal não é recente. A ênfase nas interações diádicas baseia-se no interesse inerente pela observação de pessoas. Para além disso, deriva de uma dedicação, mais vasta, à observação direta do comportamento humano. A observação da relação do casal incide na realização de tarefas que pretendem avaliar comportamentos diádicos, que se referem a comportamentos de expressão e regulação do afeto, negociação e resolução de conflitos e a comportamentos específicos de vinculação (Lima, 2009). Embora a observação direta seja uma boa fonte de recolha de dados acerca dos casais, o recurso a questionários poderá, também, ser uma fonte de informação valiosa acerca do funcionamento da relação (Kerig & Baucom, 2004). A investigação, nas décadas 80 e 90, deu particular ênfase à observação comportamental do casal. Existem diferentes abordagens neste domínio, nomeadamente uma abordagem global de avaliação da interação ou relativamente a comportamentos específicos como competências comunicacionais de resolução de problemas ou expressão de conteúdo emocional. Assim, o foco de avaliação da interação de casal incide na extensão e qualidade da comunicação, tendo em conta comportamentos verbais e comportamentos não-verbais associados à satisfação dos sujeitos face à relação e à longevidade da mesma (Lima, 2009). A comunicação, segundo os casais e terapeutas, é a via mais comum para a disfunção na interação diádica. Portanto, perceber aquilo que se comunica e a forma como se comunica é fundamental para a compreensão global da interação diádica (Soares, 2010).

Em função da matriz adotada podem ser referidos diversos sistemas de cotação da interação de casal e que estão alicerçados em vários racionais teóricos. O *Marital Interaction Coding System – MICS* (Hops, Wills, Weiss & Patterson, 1972) atende especificamente a 40 comportamentos discretos organizados em categorias anteriormente estabelecidas. Sendo alvo de várias revisões ao longo do tempo, este sistema de cotação dá origem à sua quarta versão- o MICS-IV (Heyman, et al. 1995). Neste sistema, os comportamentos discretos são agregados em quatro fatores: hostilidade, discussão construtiva do problema, humor e responsabilidade. Heyman e Vivian (2000) concebem um sistema de cotação mais simplificado e que incide numa

“avaliação macro” do comportamento, denominado *Rapid Marital Interaction Coding System – RMICS*. As escalas de avaliação organizam-se pelos comportamentos diádicos positivos, comportamentos diádicos negativos e os avaliados como neutros.

Adicionalmente, o *Couple Interaction Rating System – CIRS* (Heavy, Gill&Christensen, 1996), também se destina à classificação e avaliação dos comportamentos diádicos, nomeadamente da estratégia exigência-isolamento no processo de resolução de conflito. O *Secure Base Scoring System – SBSS* (Crowell, Pan, Gao, Treboux & Waters, 1996) visa a avaliação de cada elemento da díade, em relação à ativação do sistema de procura e prestação de cuidados. Numa interação, de aproximadamente 15 minutos de duração, é pedido ao casal que identifique um tópico que provoque discórdia na relação e que procure atingir uma solução consensual (Lima, 2009).

Crowell e colaboradores (2002), realizaram um estudo com 157 casais em situação de noivado. A interação de cada casal foi cotada por um grupo de treino específico na cotação do SBSS e outro grupo com formação na cotação do RMICS. Os resultados indicam a existência de correlações positivas entre a procura e a prestação de cuidados, avaliados pelo SBSS, e as escalas de comportamentos diádicos positivos avaliados pelo RMICS. Pelo contrário, existem também correlações negativas entre os comportamentos de procura e prestação de cuidados avaliados pelo SBSS com as escalas de comportamentos diádicos negativos avaliados pelo RMICS. Adicionalmente, os resultados obtidos no SBSS estavam significativamente relacionados com agressividade física e verbal, dedicação, entre outros aspetos inerentes à relação do casal.

O *Couple’s Interaction Task – CIT* (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998 cit. in Lima, 2009) foi desenvolvido para a observação da interação do casal. Visa a observação e avaliação da interação diádica durante a realização de uma tarefa desafiante e que se dirige à ativação do sistema de vinculação. Através do registo em vídeo, é pedido ao casal que selecione, entre uma listagem, o tópico que representa a maior discórdia entre o casal, discuta o problema e indique uma solução satisfatória para ambos. Posteriormente, é pedido ao casal que descreva um casal perfeito ou uma relação ideal, por recurso a metodologia Q-sort. A cotação permite a análise de comportamentos partilhados de regulação e expressão de afeto, negociação e negociação de conflitos e de comportamentos relativamente às relações de vinculação (base segura, procura e prestação de cuidados). A CIT, permite assim, perceber a construção individual e na relação de cada elemento da díade (Lima, 2009).

Vinculação

Os trabalhos de Bowlby com crianças e jovens institucionalizados e que incidem sobre a privação de cuidados maternos na disrupção da relação de vinculação preconizam o desenvolvimento da teoria da vinculação (Soares, 2007). Bowlby procura um paradigma alternativo aos vigentes na época, permitindo a sustentação teórica dos resultados obtidos empiricamente e influenciando a posterior formulação da teoria da vinculação (Cassidy, 2008; Soares, 2007). Inicialmente, Bowlby considera um conjunto de respostas comportamentais instintivas para o estabelecimento da vinculação, as quais designou comportamentos de vinculação. Estes comportamentos de vinculação incluem o chorar, sorrir, agarrar, chupar e seguir integram e organizam-se num sistema comportamental de vinculação, orientado para objetivos mais complexos. Assim, os comportamentos de vinculação visam a obtenção e/ou manutenção da proximidade entre a criança e a figura de vinculação. O adulto torna-se assim uma figura de vinculação capaz de prestar segurança e conforto, facultando à criança proteção necessária que assegure a sua sobrevivência (Soares, 2007). O sistema comportamental de vinculação, visa a concretização de objetivos que possuam uma função adaptativa. Adicionalmente o seu funcionamento é articulado com outros sistemas comportamentais biologicamente determinados, como o sistema de medo e o sistema de exploração (Cassidy, 2008; Soares, 2007).

A partir dos trabalhos de Mary Ainsworth, as formulações de Bowlby encontram sustentação empírica e é iniciada uma nova etapa no desenvolvimento da teoria da vinculação. Ainsworth recorre a uma abordagem multi (multimomentos, multicontextos, multimétodos, multiobservadores), e dedica sobretudo atenção á figura de vinculação (Soares, 2007). Elabora um marco fundamental na evolução da teoria da vinculação, designado por Situação Estranha, que permite a análise das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação. A Situação Estranha visa a ativação do sistema comportamental de vinculação através de um conjunto estandardizado de episódios de reunião e separação entre a mãe e o bebé (Soares, 2007). Este procedimento permitiu identificar três padrões de vinculação: Inseguro-Evitante (Padrão A); Seguro (Padrão B); e Inseguro-Ambivalente/ Resistente (Padrão C). Contudo, de acordo com esta classificação, não poderiam ser incluídas todas as crianças. Desta forma, Main e Solomon (1986 cit. in Soares, 2007) identificaram uma quarta categoria denominada Desorganizado (D). Ainsworth e colaboradores, nas interações da Situação Estranha, avaliaram também o comportamento materno, e verificaram que as diferenças individuais se relacionavam com determinados aspetos comportamentais da figura de vinculação, nomeadamente ao nível da disponibilidade e responsividade (Soares, 2007).

Após os resultados de Ainsworth e seus colaboradores, Bowlby redefine o objetivo do sistema de vinculação. Deste modo, o sistema de vinculação inclui aspetos cognitivos e emocionais, para além das respostas comportamentais. O bebé vai desenvolvendo um conjunto de expectativas e conhecimentos sobre a responsividade e acessibilidade da figura de vinculação e sobre o self, nomeadamente ao seu valor enquanto merecedor de cuidados e à sua capacidade de influenciar as outras pessoas. A estas expectativas e conhecimentos, Bowlby designou modelos internos dinâmicos, sendo a partir deste constructo que a teoria da vinculação se estendeu a crianças mais velhas e adultos, permitindo o estudo das diferenças individuais na organização e representação da vinculação (Soares, 2007).

Os modelos internos dinâmicos podem ser caracterizados pela sua estabilidade, tornando-se resistentes à mudança, já que operam de forma inconsciente e relativamente automática. Apesar da sua estabilidade, existe a possibilidade de mudança e reelaboração destes constructos, já que estes se desenvolvem no sentido de uma complexificação e sofisticação crescente. Existe assim, uma contribuição para o desenvolvimento cognitivo-emocional do indivíduo, modificações e transições no ciclo de vida, influência exercida no estabelecimento de novas relações de vinculação e reinterpretações, feitas pelo sujeito e relacionadas com relações de vinculação, acerca das experiências passadas. Deste modo, no estudo da vinculação na idade adulta, a possibilidade de reelaboração e revisão dos modelos internos dinâmicos tem particular relevância.

Ao nível desenvolvimental do adulto, o estabelecimento de autonomia e intimidade constituem tarefas centrais. As mesmas implicam ter em conta quer o repertório desenvolvimental necessário para o estabelecimento de relações quer o processo de vinculação (Soares, 2007). O equilíbrio entre a construção de autonomia e intimidade é crucial para que o sujeito possa assumir novas tarefas desenvolvimentais, como o estabelecimento de relações íntimas e a parentalidade (Faria et al., 2007). A flexibilidade e maleabilidade dos modelos internos dinâmicos, implicando uma função facilitadora do processo adaptativo do sujeito à idade adulta são cruciais para o equilíbrio entre a autonomia e a intimidade. A possibilidade de mudança, ao longo da vida do sujeito, dos modelos internos dinâmicos, remete para um dos princípios da teoria da vinculação que nos indica que o sujeito desenvolve conhecimentos, crenças e expectativas acerca do self e dos outros, que permitem o seu funcionamento interpessoal e influenciam o estabelecimento de relações íntimas. Assim os modelos internos dinâmicos possibilitam a compreensão do ciclo desenvolvimental do sujeito (Lima, 2009).

A *Adult Attachment Interview-AAI* (George, Kaplan & Main, 1985) é uma entrevista semiestruturada de carácter biográfico e do tipo clínico (Lima 2009). A AAI permite a avaliação das diferenças individuais na representação da vinculação através da análise da organização discursiva e das narrativas (Soares, 2007). Assim, foca as experiências de vinculação dos

indivíduos na sua infância e a forma como estes as avaliam e interpretam no momento presente (Lima, 2009). Visa a ativação do sistema de vinculação, permitindo perceber a forma como o indivíduo se confronta com a temática da vinculação e como integra as suas memórias. Deste modo, pretende avaliar a representação atual no que se refere à vinculação e não o conteúdo das narrativas do entrevistado (Soares, 1996).

O sistema original de cotação, proposto por Main e Goldwin (1984/1998) permite identificar três categorias de classificação: Seguro/Autónomo, Inseguro/Desligado e Inseguro/Preocupado. A categoria Seguro/Autónomo inclui os sujeitos que valorizam e reconhecem a influência das relações de vinculação. Estes sujeitos fazem descrições suportadas por memórias episódicas convincentes e relevantes, não contraditórias ao longo da entrevista. Relativamente à representação atual da vinculação, estes sujeitos realizam uma reflexão integradora das experiências e relações de vinculação, seja ao nível positivo ou negativo (Soares, 1996). A categoria Inseguro/Desligado é caracterizada por uma desativação em relação ao sistema de vinculação. As descrições são pautadas por uma idealização das figuras e das relações com elas estabelecidas. Relativamente à representação atual da vinculação, estes sujeitos desvalorizam e rejeitam a influência das relações de vinculação, através da afirmação da independência, invulnerabilidade e normalidade (Soares, 2000). Na categoria Inseguro/Preocupado está presente uma incoerência, confusão, não-objetividade e não-incorporação (Soares, 1996). As descrições são extensas, excessivamente detalhadas e caracterizadas por uma ambivalência entre aspetos positivos e negativos relativamente à experiência de vinculação, verificando-se uma hiperativação do sistema de vinculação. Relativamente à representação atual da vinculação, existe uma incapacidade de reflexão sobre as relações passadas e de diferenciação e avaliação do papel de self no contexto relacional (Soares, 2000). Apesar de existirem vários sistemas de cotação, o original destaca-se pela sua importância histórico-conceitual e metodológica (Lima, 2009). Posteriormente, os mesmos autores, Main e Goldwin (1984/1998), acrescentaram um estatuto denominado por não resolvido/ desorganizado. Este estatuto está associado a situações de perda ou de abuso, pautado por frequentes lapsos ao nível discursivo e desorganização do pensamento nas descrições dos sujeitos (Soares, 2000). As entrevistas que não podem ser classificadas com base no sistema de cotação original da AAI são denominadas por CC (*Can not classify*) (Hesse, 2008).

A AAI constitui-se um recurso relevante no estudo da organização e representação da vinculação na idade adulta (Soares, 2000). Para além disso, a AAI é utilizada no estudo da organização da vinculação no contexto das relações íntimas de cariz amoroso (Lima, 2009; Waters & Cummings, 2000).

Vinculação e relações íntimas

Na idade adulta, nas relações de amizade e nas relações amorosas, a intimidade constitui-se um elemento crucial. Os trabalhos de Bowlby indicam que as relações de vinculação estabelecidas na infância constituem-se como prototípicas das relações íntimas na idade adulta. Assim, nas relações íntimas estabelecidas na idade adulta, a noção de base segura assume-se como fulcral, pois a representação do outro como tal confere ao indivíduo a percepção e experiência de segurança, pertença e partilha (Soares, 2007).

De acordo com a teoria da vinculação, Cassidy (2001) estabeleceu quatro capacidades básicas para o desenvolvimento da intimidade: capacidade de procura de cuidados; capacidade de prestar de cuidados; conforto com a autonomia; e capacidade de negociação. A capacidade de procurar cuidados corresponde ao sistema comportamental de vinculação. Inclui um conjunto de comportamentos, que ativados em situação de ameaça, visam a obtenção ou manutenção de proximidade com a figura de vinculação. A procura de cuidados implica a partilha de sentimentos e o reconhecimento de necessidade de cuidados. A capacidade de prestar cuidados inclui aceitar, com abertura e flexibilidade e o reconhecimento das necessidades do outro, desenvolvendo estratégias e comportamentos que visem a satisfação das mesmas. Estudos que tiveram por base a teoria da vinculação e incidiram sobre a prestação de cuidados nas relações românticas na idade adulta (eg. Collins & Feeney, 2000; Simpson, Rholes & Nelligan, 1992) indicam que esta capacidade se associa à segurança na representação da vinculação do próprio, sendo os sujeitos classificados como seguros mais responsivos, disponíveis e sensíveis ao *distress* dos companheiros (Cassidy, 2001). A autonomia assume-se como fulcral devido à importância do sujeito se sentir confortável com a autonomia do companheiro e do *self*. O sujeito deve experienciar crescimento pessoal na relação, podendo expressar os seus desejos e havendo lugar para os objetivos do *self* (Vieira, 2008). O padrão de vinculação seguro facilita o conforto com a autonomia, de modo que a figura de vinculação é vista como acessível e responsiva e permitindo que o sujeito se sinta mais seguro e confortável na exploração autónoma de contextos para além da relação (Cassidy, 2001). Segundo Cassidy (2001), a capacidade de negociação abertamente é fundamental nas relações íntimas e sinónimo da capacidade para estabelecer as mesmas. A capacidade de negociação envolve uma colaboração por ambos os membros da díade no processo de tomada de uma decisão satisfatória para ambos e na resolução de conflitos. Vários estudos, tendo por base a teoria da vinculação, foram realizados ao nível da negociação no contexto das relações amorosas na idade adulta (Feeney, Noller & Callan, 1994 cit in. Feeney & Noller, 1996). Os resultados indicam uma associação entre a segurança e uma melhor capacidade de negociação (Cassidy, 2001). Roisman e colaboradores (2007), num estudo realizado com casais em situação de noivado, verificam que a

segurança, em ambos os casais, ao nível da vinculação e avaliada pela AAI, se associa a níveis mais elevados de colaboração nas interações, nomeadamente ao nível da capacidade de negociação perante conflitos.

Na idade adulta, o envolvimento sexual constitui-se um objetivo associado à procura de proximidade, não se sucedendo o mesmo na infância. Encontra-se suportada em ampla investigação, a ideia de que a experiência da sexualidade difere em função do estilo de vinculação (Lima, 2009). Brennan e Shaver, 1995, Feeney, Noller e Patty (1993), referem que estilos de vinculação evitante indicam baixos níveis de intimidade, relacionamentos sexuais não integrados em relações comprometidas e relacionamentos sexuais sem envolvimento afetivo, referindo desconforto ao nível do contacto físico. Pelo contrário, sujeitos tidos como seguros, valorizam o contacto físico e estabelecem um relacionamento sexual em relações de intimidade, compromisso e conhecimento mútuo. Em sujeitos com estilo de vinculação ansioso-ambivalente, existe a presença de comportamentos de submissão e domínio, nas mulheres e de reticência por parte dos homens (cit in Lima,2009). No que se refere ao sistema sexual, as dimensões relacionais parecem ser as mais significativas para a satisfação sexual, não obstante as diferenças individuais associadas ao estilo de vinculação. Assim, a percepção do outro como inseguro ou seguro é o mediador da percepção da qualidade de relação e satisfação sexual de modo mais significativo do que o estilo de vinculação (Fuertes & López, 1997 cit. in Lima, 2009).

Bowlby considera que existe apenas uma associação probabilística, entre as relações estabelecidas na infância e as relações íntimas na idade adulta, viabilizando assim a possibilidade de descontinuidade. Assim, existe influência das experiências precoces e, também, das experiências posteriores relacionadas com a vinculação que vão ocorrendo ao longo da vida do indivíduo (Waters, Weinfield & Hamilton, 2000). Apesar das funções e dinâmicas do sistema comportamental de vinculação serem vistas como semelhantes ao longo da trajetória dos indivíduos, existem diferenças entre as relações de vinculação da infância e na idade adulta (Zeifman & Hazan, 2008). Assim, é esperado que as relações de vinculação na idade adulta sejam marcadas pela reciprocidade ao nível dos cuidados, com um balanceamento flexível e contínuo entre o procurar e o prestar segurança e conforto (Lima, Vieira & Soares, 2006). Adicionalmente, o estabelecimento de relações íntimas na idade adulta implica, para além dos sistemas de vinculação e de exploração, os sistemas de prestação de cuidados e sexual (Hazan& Shaver,1987).

A literatura tem incidido na forma como as experiências de vinculação na infância moldam a representação do indivíduo relativamente à relação íntima de cariz amoroso que se estabelece na idade adulta.

No seguimento da AAI, mas dirigida à avaliação dos modelos internos dinâmicos específicos, foi desenvolvida a *Current Relationship Interview* – CRI (Crowell,1990). A CRI existe sobretudo em estudos que incidem nas questões relacionadas com a estabilidade e mudança na organização da vinculação (e.g. Roismanet al.,2005), com o impacto da parentalidade na qualidade das relações íntimas (Terenó, 2008) e com a articulação entre a dimensão representacional e o comportamento do indivíduo na relação (e.g. Roismanet al.,2005). Consiste numa entrevista semiestruturada que visa a avaliação da qualidade da representação das relações íntimas na idade adulta. Esta entrevista tem por base a representação do self e do outro no contexto relacional, em que o companheiro é assumido como a figura de vinculação. Os sujeitos descrevem brevemente as relações anteriores e a relação atual, sendo estas descrições, posteriormente, transcritas. O processo de cotação incide sobre estas descrições e destaca a qualidade da organização da narrativa, ao nível semântico e episódico. A classificação da entrevista é de acordo com os padrões de organização da vinculação identificados na AAI (Seguro, Preocupado e Desligado) (Lima, 2009).

Alexandrov, Cowan e Cowan (2005) desenvolveram a *Couple Attachment Interview* - CAI, uma entrevista semi-estruturada que incide na relação íntima atual do sujeito e que engloba as dimensões críticas da teoria da vinculação: a procura de proximidade e a procura e prestação de cuidados. O *Coding Couple Attachment Interview System*, desenvolvido pelos mesmos autores, permite elicitar a três dimensões contínuas para os protótipos de vinculação, Seguro, Preocupado e Desligado, com o parceiro e a um sistema de duas categorias distinguindo a segurança da insegurança.

A *Marital Attachment Interview* – MAI, derivada da AAI, é uma entrevista semiestruturada que apela ao balanceamento entre a memória semântica e a memória episódica em relação a temáticas e experiências do ponto de vista da vinculação e sua representação, ao nível da relação conjugal. As 16 questões são relativas à descrição da relação (expectativas, mudanças, experiências de separação, ameaça, rejeição e apoio) e relações íntimas anteriores, solicitando ao sujeito que apresente memórias sobre a relação mantida com os pais ao longo do seu desenvolvimento. No final, o sujeito é questionado sobre a influência que a relação atual tem na sua personalidade.

Ao nível representacional e à luz da teoria da vinculação, foi desenvolvida a *Intimate Relationship Interview* - IRI (Lima, Soares, Vieira & Collins, 2005). A IRI consiste numa entrevista semiestruturada que avalia a representação da relação íntima por parte de cada um dos elementos do casal. A primeira questão aborda a influência de outras relações do passado, ao nível da relação íntima atual. Posteriormente, explora-se os padrões de interação relacionados com a procura e prestação de cuidados, a regulação de proximidade e distância face ao outro e na procura de proximidade, contacto físico e envolvimento sexual com o outro,

ao nível da comunicação, satisfação e expressão de desejo. Por último, incide na satisfação, expectativas e aprendizagens associadas à relação. É realizada uma gravação em registo de áudio, realizada a transcrição e a cotação nas dimensões: integração emocional, procura de cuidados, prestação de cuidados, intimidade sexual, equilíbrio indivíduo\ relação, idealização e coerência (Lima, 2009).

As investigações realizadas no âmbito desta temática são diversificadas, sendo contudo possível indicar algumas conclusões transversais (Soares, 2010). A literatura refere que os elementos do casal que apresentam *distress*, tendem a devolver mais hostilidade, possuem menor tendência para corrigir o seu comportamento durante a resolução do conflito, demonstram menos comportamentos positivos e maior tendência para possuir padrões de exigência/auto retraimento, quando comparados com elementos que não apresentam *distress* (Heyman, 2001). Roisman e colaboradores (2001) realizaram um estudo que pretendia verificar se a representação das experiências com os pais ocorridas na infância prediziam diferenças no comportamento diádico observado no contexto de uma relação amorosa. Os resultados indicam associações significativas entre a qualidade da representação das relações de vinculação com os pais e a qualidade da interação diádica com os companheiros amorosos. Adicionalmente, os resultados indicam que a qualidade da interação pai-criança estava correlacionada com a qualidade dos processos observados na interação diádica com o companheiro da relação amorosa. Um trabalho realizado por Soares (2010), que tem como objetivo investigar o impacto dos problemas da relação na qualidade da interação do casal, concluiu que a intensidade elevada de um problema se associa a uma menor qualidade da interação do casal e que a natureza do problema discutido não tem influência na qualidade da interação do casal. Vieira (2008), ao pretender perceber a complexidade das relações íntimas à luz da teoria da vinculação, verifica que cada elemento da díade se assemelha na forma como organiza, interpreta e atribui significado à sua experiência relacional, apresentando assim uma concordância na forma como as díades representam a sua relação. Lima (2009), realizou uma investigação relativamente às relações entre a representação da vinculação, a representação da relação íntima e a interação diádicas em casais. Os resultados indicam associações entre o padrão de vinculação e o comportamento no contexto de interação de casal. Assim, identificou um grupo de casais, cuja designação da sua interação foi Emaranhada, com uma avaliação, da qualidade geral da interação, baixa. Identificou, também, um segundo grupo, como tendo uma interação Distanciada, sendo a sua avaliação média/baixa ao nível da qualidade geral da interação. Um terceiro grupo, como uma interação designada Balanceada, apresenta uma qualidade geral de interação avaliada como elevada. Posteriormente, verifica que díades com uma interação Emaranhada caracterizam-se por níveis intermédios de coerência, prestação e procura de cuidados e intimidade sexual. O grupo de interação Distanciada/Desligada possui baixos níveis

de procura e prestação de cuidados e intimidade sexual. O grupo de interação Balanceada caracteriza-se pela valorização da prestação e procura de cuidados bem como intimidade sexual. Adicionalmente, os resultados indicam que a qualidade da interação do casal se associa significativamente à riqueza e complexidade do processo de resolução de conflito, ou seja, à capacidade colaborativa e de negociação do casal, fazendo cedências para a conquista de um bem comum.

Género e Interação Diádica do casal

A investigação no âmbito da interação diádica é diversa. Alguns autores, analisam correlatos psicofisiológicos no decurso da interação de casal, diferenças comportamentais em situação de conflito, bem como diferenças ao nível do género ou incidem sobre a personalidade (Lima, 2009).

West e Zimmerman (1991) sugerem que as sociedades produzem e mantêm diferenças de género através da socialização, ação das instituições sociais e da interação entre os sujeitos. Ao nível das diferenças de género, sabe-se que os homens e mulheres são socializados de forma diferente. Esta socialização diferencial poderá conduzir a diferenças fundamentais na identificação e formação entre homens e mulheres. Tais diferenças na socialização têm implicações importantes no desenvolvimento verificando-se, as mesmas, na idade adulta. Assim, alguns estudos incidem ou verificam algumas questões de género, nomeadamente na interação diádica do casal (Sneed, Cohen, Chen, Johnson & Gilligan, 2006).

Heller e Wood (1998) realizaram um estudo que procurava compreender de que forma o género influencia a percepção e a expressão de intimidade. O mesmo estudo refere que as mulheres tentavam transmitir maiores sentimentos de intimidade no seu relacionamento em relação aos seus parceiros. De um modo geral, as mulheres predizem mais facilmente e de uma forma consistente as respostas dos seus parceiros.

Adicionalmente Larson, Hammond e Harper (1998) pretenderam perceber a relação entre o género e a equidade/igualdade no contexto das relações íntimas. Os mesmos referem que para as mulheres a igualdade constitui-se um importante fator para o estabelecimento de intimidade. Contudo, este resultado só se verifica em casais com o mesmo estatuto (económico, social). Os autores concluíram que as diferenças de género verificadas resultam da influência exercida pelo papel da socialização ao nível da intimidade.

Storaasli e Markman (1990), realizaram uma investigação que pretende fornecer informações descritivas sobre alguns dos problemas experienciados pelos casais e entre homens e mulheres nas fases iniciais do casamento, bem como informações sobre a relação entre as diferentes áreas problemáticas e a satisfação com o relacionamento. Os resultados indicam que

nas mulheres, o ciúme apresenta uma associação significativa com a satisfação conjugal, sendo nos homens essa associação fraca.

Já Vieira (2008), ao pretender perceber a complexidade das relações íntimas à luz da teoria da vinculação, verifica que o sexo feminino apresenta mais comportamentos de procura de cuidados do que o sexo masculino, durante a interação diádica.

Lima (2009), realizou uma investigação relativamente às relações entre a representação da vinculação, a representação da relação íntima e a interação diádicas em casais. Os resultados indicam que é preponderante, para os homens, a representação da relação atual no comportamento diádico, em comparação com o seu padrão de vinculação. No caso dos elementos femininos do casal, o padrão de vinculação exerce um maior peso na interação diádica. Adicionalmente, resultados da mesma investigação, indicam que a representação da intimidade sexual influencia o comportamento de ambos os elementos da díade, sendo que, nas mulheres surge ao nível da partilha de afeto positivo e nos homens evidencia-se na avaliação global da qualidade da relação.

Soares (2010), ao investigar o impacto dos problemas da relação na qualidade da interação do casal, verifica que não existem diferenças de género significativas relativamente à atribuição de intensidade aos problemas, expeto ao nível do “sexo” e “divisão de tarefas”. Ao nível do “sexo”, os homens consideram-no como sendo mais problemático na sua relação comparativamente às mulheres. Relativamente à “divisão de tarefas” os homens, também, atribuem uma intensidade mais elevada em relação às mulheres, considerando assim mais problemático.

Eryilmaz e Atak (2011) pretenderam investigar a influência do género no início de uma relação amorosa, na idade adulta. De acordo com estudos anteriores, os resultados indicam que os homens iniciam mais facilmente uma relação amorosa do que as mulheres (Furjman & Schaffer, 2003; Fournier & Zuroff, 2004). Contudo, não se verifica esta facilidade masculina na manutenção da relação.

2. Objetivos

O objetivo geral do presente estudo consiste:

- Identificar e compreender, ao nível discursivo e em função do género, semelhanças/diferenças na interação diádica do casal.

A questão de investigação do presente estudo pode ser identificada da seguinte forma:

- Que semelhanças\diferenças existem, ao nível discursivo e em função do género, na interação diádica do casal? Como se caracterizam? Como se operacionalizam/processam?

Mais concretamente, e subjacente ao objetivo geral, podem ser identificados os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e compreender, ao nível discursivo e em função do género, semelhanças/diferenças na interação diádica do casal, ao nível da capacidade de procura de cuidados.
- Identificar e compreender, ao nível discursivo e em função do género, semelhanças/diferenças na interação diádica do casal, ao nível da capacidade de prestação de cuidados.
- Identificar e compreender, ao nível discursivo e em função do género, semelhanças/diferenças na interação diádica do casal, ao nível da autonomia.
- Identificar e compreender, ao nível discursivo e em função do género, semelhanças/diferenças na interação diádica do casal, ao nível da capacidade de negociação.

3. Método

O presente estudo utiliza uma metodologia qualitativa ou de carácter indutivo. A pesquisa qualitativa implica a valorização de uma análise indutiva e holística dos dados, no sentido de potenciar o desenvolvimento do conhecimento (Krahn & Eisert, 2000). Consiste numa procura de diferentes formas de produção do conhecimento em Psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica que representa a subjetividade humana (Rey, 2005). A metodologia qualitativa apresenta uma grande fluidez de estatuto teórico-epistemológico e de formas de aplicação e tratamento. Este tipo de metodologia privilegia o contexto da descoberta, embora não recuse o contexto da prova (Guerra, 2006). Este contexto da descoberta, assenta numa lógica exploratória e não tanto numa lógica de verificação ou de teste de uma teoria ou hipótese preexistente. Interessa-se pelo indivíduo, pelas suas intenções, crenças e pela forma como vê o mundo (Albarelllo, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy & Georges, 1995). A investigação qualitativa pode ser utilizada em vários domínios, mas é especialmente adequada ao nível das questões de género (Creswell, 2007).

Amostra

O presente estudo recorre a dezasseis participantes (oito casais) do estudo realizado por Lima (2009), que define como critérios de inclusão a presença de díades heterossexuais, com uma relação íntima não inferior a dois anos, existindo coabitação há pelo menos seis meses. Foi estabelecido como limite etário mínimo os 25 anos e como máximo os 40 anos de idade. Por, Crowell & Treboux (2001), terem considerado que a parentalidade influencia a experiência da conjugalidade, a amostra foi restrita a casais sem filhos da presente relação ou de relações anteriores (cit. in Lima, 2009). Para além disso, como critério de seleção, considerou-se a inexistência de casamentos ou uniões de facto anteriores para qualquer elemento do casal. Salienta-se que nenhum dos participantes se encontrava, individualmente ou enquanto casal, em acompanhamento psicoterapêutico, no momento da avaliação.

Instrumentos

Os casais preencheram a ficha de identificação e caracterização do casal dirigida à caracterização de cada elemento, contemplando a idade, estado civil, habilitações literárias e profissões e à caracterização da relação no que diz respeito ao tipo (casamento ou união de facto), duração e ao tempo de coabitação.

De modo a responder aos objetivos mencionados, o presente estudo recorre à *Couple's Interaction Task* (CIT). A *Couple's Interaction Task* (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998 cit. in Lima, 2009) foi desenvolvida para a observação da interação do casal. Através do registo em vídeo, é pedido ao casal que selecione, entre uma listagem, o tópico que representa a maior discórdia entre o casal, discuta o problema e indique uma solução satisfatória para ambos os elementos da díade. Posteriormente, é pedido ao casal que descreva um casal perfeito ou uma relação ideal, através de 45 descritores, por recurso a metodologia Q-sort.

Existe a gravação em registo de vídeo e a cotação é feita através de dez escalas diádicas organizadas em quatro dimensões: Tonalidade Emocional (Afeto Positivo Diádico, Afeto Negativo Diádico, Raiva e Hostilidade); Processo (Resolução de Conflito e Base Segura); Balanceamento (Equilíbrio Assertividade/Auto Retraimento, Equilíbrio Indivíduo/Relação, Equilíbrio Relação/Mundo) e numa avaliação geral, através da escala Qualidade da Interação.

No que diz respeito à dimensão Tonalidade Emocional, a escala Partilha de Afeto Positivo refere-se à avaliação da reciprocidade da expressão de afeto positivo por ambos os elementos da díade, focando-se no grau de sincronia e no reconhecimento de afeto positivo entre os elementos do casal. A Escala de Afeto Negativo avalia também a reciprocidade da

expressão emocional mas foca o processo associado à reciprocidade do afeto negativo expresso pelo parceiro. A escala Raiva refere-se à expressão de frustração, irritação e/ou impaciência dirigida ao parceiro. A escala Hostilidade destina-se à avaliação de interações em que existe frieza emocional e rejeição, indicando desesperança e percepção de futilidade acerca da relação.

Relativamente à dimensão de Processo, a escala Resolução de Conflitos centra-se na capacidade do casal trabalhar em conjunto para resolver conflitos ou tomar decisões de um modo satisfatório para ambos. A escala Base Segura avalia o modo como os sujeitos são capazes de recorrer ao outro como base segura e de perante ele se constituírem como tal.

No que se refere à dimensão Balanceamento, a escala Equilíbrio Assertividade/Auto Retraimento refere-se à capacidade de expressar ideias e opiniões de um modo assertivo para que a passividade e/ou defensividade não ameace o outro ou a relação. A Escala Equilíbrio Indivíduo/Relação avalia de que modo a relação promove a individualidade dos elementos da díade ou se por sua vez a restringe. A escala Equilíbrio Relação/Mundo diz respeito à avaliação da capacidade do casal manter um envolvimento ativo e competente na realização de forma cooperante das tarefas solicitadas.

A Avaliação Global da Qualidade da Relação consiste numa avaliação holística da qualidade e profundidade da relação (Lima, 2009).

A CIT, permite assim, perceber a construção individual e na relação de cada elemento da díade. O trabalho desenvolvido por Lima (2009) permitiu concluir acerca da adequabilidade deste instrumento ao nível da sua validade e fidelidade.

Procedimentos

Procedimentos de recolha de dados

Como já referido, a presente investigação utiliza os dados recolhidos por Lima (2009). Assim sendo, esta recolha, foi efetuada nos distritos de residência dos casais, entre os anos 2004 e 2007. A decisão do local de avaliação decorreu inteiramente dos casais. O primeiro contacto foi estabelecido através do *email* ou telefone, sendo que nesse momento existiu a apresentação do projeto, foi efetuado o pedido de colaboração, garantindo a confidencialidade e anonimato. Efetuou-se um consentimento oral e informado devidamente documentado.

Procedimentos de análise de dados

O processo de tratamento dos dados foi elaborado com base num procedimento de análise de conteúdo, que é definido como um conjunto de técnicas de análise que visam obter,

por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (Bardin, 2011).

A codificação implica a transformação dos dados brutos do texto por recorte, agregação e enumeração e consiste no primeiro passo para a criação de categorias. As categorias definem-se como rubricas ou classes que reúnem um dado grupo de elementos sobre um título genérico, um agrupamento que é realizado em função das características comuns desses elementos (Bardin, 2011). À identificação de variáveis em que a dinâmica é explicativa de um fenómeno denominamos “análise categorial” (Guerra, 2006). O processo de categorização consiste na elaboração de “unidades de significado”. É uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, reagrupamento segundo o seu sentido (analogia), de acordo com os critérios previamente definidos (Bardin, 2011). O produto da categorização é um conjunto de categorias, que é conceptualmente e empiricamente “centrado” nos dados. Exige uma considerável concentração de modo a assegurar a existência de categorias apropriadas, contemplando os dados considerados. Assim sendo é um processo longo e exigente mas que permite uma maior organização da informação. Categorizar os dados não é um processo mecânico pois exige um exercício contínuo de julgamento. Este julgamento diz respeito não só à forma de categorizar os dados mas também à modificação de categorias, pois quando nos deparamos com mais dados podemos definir as nossas categorias com maior precisão (Dey, 1993).

De acordo com os objetivos específicos e de modo a responder aos mesmos, o presente estudo baseia-se nas seguintes categorias previamente estabelecidas: Procura de Cuidados, Prestação de Cuidados, Autonomia e Negociação. A definição das categorias previamente estabelecidas encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1. Definição das categorias

Procura de cuidados	Esta categoria engloba todas as unidades de registo que se referem à evidência, pelo próprio, de partilha de sentimentos e o reconhecimento de necessidade de cuidados. A mesma inclui expressão de vulnerabilidade e implica um pedido de mudança no comportamento do companheiro.
Prestação de cuidados	Esta categoria engloba todas as unidades de registo que se referem ao desenvolvimento de comportamentos que visem a satisfação das necessidades do outro. A mesma implica reconhecer a expressão de necessidades do outro e assegurar que as mesmas são satisfeitas, certificando-se da sua adequabilidade.
Autonomia	Esta categoria engloba todas as unidades de registo em que o sujeito experiencie

	um crescimento pessoal na relação. Inclui expressões em que seja possível ou necessária a expressão de desejos e individualidade por cada elemento do casal.
Negociação	Esta categoria engloba todas as unidades de registo que se referem à presença ou necessidade de uma colaboração, por ambos os membros da díade, no processo de tomada de uma decisão, satisfatória para ambos.

Posteriormente, emergindo da análise das categorias estabelecidas *a priori*, foram progressivamente definidas subcategorias, de modo indutivo. O estabelecimento de subcategorias justifica-se pela necessidade de diferenciação da informação, voltando a reagrupa-la consoante a sua analogia. A produção de um sistema de subcategorias possibilita obter uma representação simplificada dos dados brutos (Bardin, 2011). A definição das subcategorias encontra-se na Tabela 2.

Tabela 2. Definição das subcategorias

Procura de Cuidados	
Consistente	Esta subcategoria engloba todas as unidades de registo que se referem a partilha de sentimentos, expressão de vulnerabilidade e reconhecimento de necessidade de cuidados de uma forma explícita.
Inconsistente	Esta subcategoria engloba todas as unidades de registo que se referem a uma partilha de sentimentos, expressão de vulnerabilidade reconhecimento de necessidade de cuidados pautada por crítica ou desaprovação do comportamento do companheiro.
Prestação de Cuidados	
Reconhecimento	Esta subcategoria engloba todas as unidades de registo que visem o reconhecimento da expressão de necessidades do outro. A mesma não assegura que as necessidades do outro sejam satisfeitas.
Responsividade	Esta subcategoria engloba todas as unidades de registo que se referem ao desenvolvimento de uma resposta que vise a satisfação das necessidades do outro, certificando-se da sua adequabilidade.
Autonomia	
Na relação	Esta subcategoria inclui expressões em que o sujeito refira que na sua relação é possível ou necessário a expressão dos seus desejos e individualidade.
Fora da	Esta subcategoria inclui expressões que, de um modo geral, refiram a possibilidade

relação ou necessidade da expressão dos desejos e individualidade numa relação de casal.

4. Resultados

Os resultados são apresentados por categorias estabelecidas *a priori* e respectivas subcategorias derivadas indutivamente. Os dados são apresentados para a totalidade dos participantes e diferenciados ao nível masculino e feminino.

Na tabela 3 são apresentadas as frequências das unidades de discurso relativas à categoria Procura de Cuidados e das respectivas subcategorias: Consistente e Inconsistente.

Tabela 3. Categoria Procura de Cuidados

	C1		C2		C3		C4		C5		C6		C7		C8	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Consistente	1	1	1	1	1	0	3	2	3	2	0	2	0	5	0	0
Inconsistente	0	0	1	0	2	0	0	1	0	2	4	0	0	2	1	3

De um modo geral e do ponto de vista discursivo, a Procura de Cuidados é sobretudo manifestada pelo elemento feminino. Adicionalmente, é manifestada maioritariamente enquanto Consistente.

Relativamente ao elemento masculino, existem cinco casais (C1, C2, C3, C4 e C5) que manifestam Procura de Cuidados enquanto consistente. Os restantes (C6, C7 e C8), não manifestam Procura de Cuidados enquanto Consistente. Adicionalmente, quatro casais (C2, C3, C6 e C8) manifestam Procura de Cuidados enquanto Inconsistente. Os restantes (C1, C4, C5 e C7) não manifestam Procura de Cuidados enquanto Inconsistente.

No que se refere ao elemento feminino, existem seis casais (C1, C2, C4, C5, C6 e C7) que manifestam Procura de Cuidados enquanto Consistente. Os restantes (C3 e C8), não manifestam Procura de Cuidados enquanto Consistente. Adicionalmente, quatro casais (C4, C6, C7 e C8) manifestam Procura de Cuidados enquanto Inconsistente. Os restantes (C1, C2, C3 e C6) não manifestam Procura de Cuidados enquanto Inconsistente.

A subcategoria Consistente é manifestada um maior número de vezes, relativamente à subcategoria Inconsistente. A subcategoria Consistente é manifestada maioritariamente pelo elemento feminino.

A subcategoria Inconsistente é manifestada com a mesma frequência por ambos os elementos (masculino e feminino).

Na interação diádica do C1, no que concerne à categoria Procura de Cuidados, o discurso é subcategorizado enquanto Consistente, tanto pelo elemento masculino como pelo elemento feminino.

Na interação diádica do C2, no que diz respeito à categoria Procura de Cuidados, o discurso é subcategorizado enquanto Consistente como Inconsistente, por parte do elemento masculino. O elemento feminino manifesta Procura de Cuidados, enquanto Consistente.

Na interação diádica do C3, relativamente à categoria Procura de Cuidados, o discurso é exclusivamente manifestada enquanto Inconsistente e pelo elemento masculino.

Na interação diádica do C4 e C5, no que concerne à categoria Procura de Cuidados, o discurso é subcategorizado enquanto Consistente, pelo elemento masculino. O discurso do elemento feminino, relativamente à Procura de Cuidados, é manifestado de modo Consistente e Inconsistente.

Na interação diádica do C6, no que diz respeito à Procura de Cuidados, o discurso é subcategorizada enquanto Inconsistente, pelo elemento masculino e enquanto Consistente pelo elemento feminino.

Na interação diádica do C7, no que à Procura de Cuidados se refere, o discurso verifica-se apenas no elemento feminino e é subcategorizada tanto como sendo Consistente como Inconsistente.

Na interação diádica do C8, relativamente à Procura de Cuidados, o discurso é subcategorizada enquanto Inconsistente, pelo elemento masculino e feminino.

Na tabela 4 são apresentadas as frequências das unidades de discurso relativas à categoria Prestação de Cuidados e das respetivas subcategorias: Reconhecimento e Responsividade.

Tabela 4. Categoria Prestação de Cuidados

	C1		C2		C3		C4		C5		C6		C7		C8	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Reconhecimento	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
Responsividade	1	2	1	0	0	1	1	3	0	1	0	1	1	0	0	0

De um modo geral e do ponto de vista discursivo, a Prestação de Cuidados é manifestada sobretudo pelo elemento feminino. Adicionalmente, é manifestada maioritariamente enquanto Responsividade.

Relativamente ao elemento masculino, existem dois casais (C7 e C8) que manifestam Prestação de Cuidados enquanto Reconhecimento. Os restantes (C1, C2, C4, C5 e C6), não manifestam Prestação de Cuidados enquanto Reconhecimento. Adicionalmente, quatro casais (C1, C2, C4 e C7) manifestam Prestação de Cuidados enquanto Responsividade. Os restantes (C3, C5, C6 e C8) não manifestam Prestação de Cuidados enquanto Responsividade.

No que se refere ao elemento feminino, existe um casal (C1) que manifesta Prestação de Cuidados enquanto Reconhecimento. Os restantes (C2, C3, C4, C5, C6, C7 e C8), não manifestam Prestação de Cuidados enquanto Reconhecimento. Adicionalmente, cinco casais (C1, C3, C4, C5 e C6) manifestam Prestação de Cuidados enquanto Responsividade. Os restantes (C2, C7 e C8) não manifestam Prestação de Cuidados enquanto Responsividade.

A subcategoria Responsividade é manifestada um maior número de vezes, relativamente à subcategoria Reconhecimento. As subcategorias Reconhecimento e Responsividade são manifestadas maioritariamente pelo elemento feminino.

No que concerne à Prestação de Cuidados do C1, o discurso dos elementos da díade é subcategorizada enquanto Reconhecimento e enquanto Responsividade. O elemento masculino manifesta um discurso categorizado ao nível da Prestação de cuidados e subcategorizado enquanto Responsividade.

O discurso que se refere à Prestação de Cuidados do C2 é subcategorizado enquanto Responsividade e apenas pelo elemento masculino.

No que diz respeito a Prestação de Cuidados do C3, o discurso é subcategorizada enquanto Responsividade e apenas pelo elemento feminino.

Relativamente ao C4, o discurso que se refere à Prestação de Cuidados é subcategorizado enquanto Responsividade, pelo elemento masculino e feminino.

Ao nível da Prestação de Cuidados, o discurso dos casais C5 e C6 é subcategorizado enquanto Responsividade, apenas pelo elemento feminino.

No que se refere à Prestação de Cuidados do C7, o discurso é subcategorizada tanto enquanto Reconhecimento e Responsividade, pelo elemento masculino.

No que concerne à Prestação de Cuidados do C8, o discurso é subcategorizada enquanto Reconhecimento, pelo elemento masculino.

Na tabela 5 são apresentadas as frequências das unidades de discurso relativas à categoria Autonomia e das respetivas subcategorias: Na relação e Fora da Relação.

Tabela 5. Categoria Autonomia

	C1		C2		C3		C4		C5		C6		C7		C8	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Na relação	1	3	0	2	1	0	0	1	1	2	0	0	1	1	2	2
Fora da relação	0	0	0	2	0	0	0	0	1	1	0	2	0	0	0	4

De um modo geral e do ponto de vista discursivo é mais frequente a expressão de Autonomia pelo elemento feminino. Adicionalmente, é manifestada sobretudo na própria relação.

Relativamente ao elemento masculino, existem cinco casais (C1, C3, C5, C7 e C8) que manifestam Autonomia na sua relação. Os restantes (C2, C4 e C6) não manifestam Autonomia na sua relação. Adicionalmente, um casal (C5) manifestam Autonomia enquanto fora da relação. Os restantes (C1, C2, C3, C4, C6, C7 e C8) não manifestam Autonomia enquanto Fora da relação.

No que se refere ao elemento feminino, existem seis casais (C1, C2, C4, C5, C7 e C8) que manifestam Autonomia na sua relação. Os restantes (C3 e C6) não manifestam Autonomia na sua relação. Adicionalmente, quatro casais (C2, C5, C6 e C8) manifestam Autonomia enquanto Fora da relação. Os restantes (C1, C3, C4 e C7) não manifestam Autonomia enquanto Fora da relação.

A subcategoria Na relação é manifestada um maior número de vezes, relativamente à subcategoria Fora da relação. As subcategorias Na relação e Fora da Relação são manifestadas maioritariamente pelo elemento feminino.

O discurso do C1 relativo à Autonomia é subcategorizado Na relação, pelo elemento masculino e feminino.

O discurso do C2 relativo à Autonomia é subcategorizado Na relação ou fora da mesma, apenas pelo elemento feminino.

O discurso do C3 relativo à Autonomia é subcategorizado Na relação, pelo elemento masculino.

O discurso do C4 relativo à Autonomia é subcategorizado Na relação, pelo elemento feminino.

O discurso do C5 relativo à Autonomia é subcategorizado Na relação ou fora da mesma, pelo elemento masculino e feminino.

O discurso do C6 relativo à Autonomia é subcategorizado Fora da relação, apenas pelo elemento feminino.

O discurso do C7 relativo à Autonomia é subcategorizado Na relação, pelo elemento masculino e feminino.

O discurso do C8 relativo à Autonomia é subcategorizado Na relação pelo elemento masculino. O elemento feminino manifesta Autonomia, tanto na relação como para além da mesma.

Na tabela 6 são apresentadas as frequências das unidades de discurso relativas à categoria Negociação.

Tabela 6. Categoria Capacidade de Negociação

C1		C2		C3		C4		C5		C6		C7		C8	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
6	1	1	1	1	0	0	4	1	1	1	1	1	0	0	2

De um modo geral, a Negociação, do ponto de vista discursivo é manifestada sobretudo pelo elemento masculino.

No que se refere ao elemento masculino, existem seis casais (C1, C2, C3, C5, C6 e C7) que manifestam Negociação. Os restantes (C4 e C8) não manifestam Negociação.

Relativamente ao elemento feminino, existem seis casais (C1, C2, C4, C5, C6 e C8) que manifestam Negociação. Os restantes (C3 e C7) não manifestam Negociação.

No C1 a Negociação, do ponto de vista discursivo é expressa maioritariamente pelo elemento masculino.

No C2, C5 e C6 a Negociação, do ponto de vista discursivo é expressa com a mesma frequência por ambos os elementos (masculino e feminino).

No C3 e C7 a Negociação, do ponto de vista discursivo é apenas expressa pelo elemento masculino.

No C4 e C8 a Negociação, do ponto de vista discursivo é apenas expressa pelo elemento feminino.

Após uma apresentação global dos resultados, será seguidamente apresentado, por casal, uma leitura integrada.

Na interação diádica do C1, no que à categoria Procura de Cuidados concerne, o discurso dos elementos da díade é subcategorizada enquanto Consistente. Deste modo, existe uma partilha de sentimentos e expressão de vulnerabilidade de uma forma explícita e sem recorrer á crítica ou desaprovação do comportamento do companheiro. O elemento masculino manifesta mais frequentemente Procura de Cuidados, sendo esta relativa à comunicação. O discurso dos elementos da díade, no que concerne à categoria Prestação de Cuidados, é subcategorizado enquanto Reconhecimento e enquanto Responsividade. O elemento feminino manifesta mais frequentemente Prestação de Cuidados, sendo também, na maioria das vezes, relativa à comunicação. O discurso dos elementos da díade, no que diz respeito à categoria Autonomia é subcategorizado na própria relação. Assim, o casal refere que na sua relação é possível ou necessário a expressão de desejos e individualidade. Esta categoria, é manifestada, sobretudo, pelo elemento feminino, em diferentes aspetos (e.g. religião e interesses). Por outro lado, no que à categoria Negociação se refere, o discurso é manifestada com maior frequência pelo elemento masculino.

Na interação diádica do C2, ao nível da Procura de Cuidados, o discurso é subcategorizado enquanto Consistente e enquanto Inconsistente, por parte do elemento masculino. O elemento feminino manifesta uma Procura de Cuidados enquanto Consistente. Relativamente à maior frequência, esta verifica-se pelo elemento masculino. A Procura de Cuidados manifestada, sobretudo pelo elemento masculino, refere-se aos tempos livres. Adicionalmente, o único elemento casal, que manifesta Prestação de Cuidados é o elemento masculino, sendo esta referente aos tempos livres e subcategorizada enquanto Responsividade. Por outro lado, o único elemento do casal, que manifesta a possibilidade ou necessidade a expressão de desejos e individualidade, na relação ou fora da mesma, é o elemento feminino. Ambos os elementos do casal, manifestam capacidade de Negociação.

Na interação diádica do C3, no que se refere à Procura de Cuidados, apenas existe a manifestação por parte do elemento masculino. Este manifesta, sobretudo, alguma crítica ou desaprovação do comportamento da companheira. Por conseguinte, a Prestação de Cuidados é somente expressa pelo elemento feminino. A manifestação de Prestação de Cuidados, pelo elemento feminino, verifica-se enquanto Responsividade. A Procura e Prestação de Cuidados referem-se aos ciúmes. Ao nível da Autonomia existe apenas a expressão por parte do elemento masculino, na própria relação. Na Negociação também existe apenas a expressão por parte do elemento masculino.

Na interação diádica do C4, no que diz respeito à Procura de Cuidados, o discurso dos elementos da díade é subcategorizada enquanto Consistente e Inconsistente. O discurso relativo à Prestação de Cuidados é subcategorizado enquanto Responsividade, sendo sobretudo expresso pelo elemento feminino. A Procura e Prestação de Cuidados no C4 dizem respeito à

comunicação. Ao nível da Autonomia existe apenas a expressão por parte do elemento feminino, na própria relação. Adicionalmente, ao nível da Negociação também existe apenas a expressão por parte do elemento feminino.

Na interação diádica do C5, relativamente à Procura de Cuidados, o discurso é subcategorizado enquanto Consistente e enquanto Inconsistente, pelo elemento feminino. O elemento masculino expressa Procura de Cuidados, enquanto Consistente. Ao nível da frequência, o elemento feminino manifesta mais frequentemente Procura de Cuidados, no que diz respeito ao sexo e à comunicação. O discurso relativo à Prestação de Cuidados é subcategorizada enquanto Responsividade e somente expresso pelo elemento feminino. A Prestação de Cuidados refere-se ao tópico comunicação. A Autonomia é manifestada quer na relação ou para além da mesma. Deste modo, é expresso a possibilidade de individualidade ou necessidade da expressão dos desejos e individualidade, de um modo geral, numa relação de casal. Esta categoria é manifestada com maior frequência pelo elemento feminino. A capacidade de Negociação, é expressa com igual frequência por ambos os elementos.

Na interação diádica do C6, ao nível da Procura de Cuidados, o discurso é subcategorizado enquanto Inconsistente no elemento masculino e enquanto Consistente no elemento feminino. Assim, o elemento masculino recorre frequentemente á crítica e à desaprovação do comportamento da sua companheira. Por outro lado, o elemento feminino, partilha os seus sentimentos e reconhece a necessidade de cuidados de uma forma explícita e adequada. Relativamente à frequência, o elemento masculino manifesta mais frequentemente Procura de Cuidados. O elemento feminino é o único elemento a manifestar Prestação de Cuidados. O discurso a este nível é subcategorizado enquanto Responsividade. Neste caso, a Procura e Prestação de Cuidados refere-se a um aspeto específico (pontualidade). Do mesmo modo, o elemento feminino é o único elemento a manifestar Autonomia. O discurso deste elemento é subcategorizado como fora da relação. A presença ou necessidade de uma colaboração por ambos os elementos do casal é, de igual modo, manifestada por ambos os elementos do casal.

Na interação diádica do C7, no que concerne à Procura de Cuidados, o discurso dos elementos da díade é subcategorizado enquanto Consistente e enquanto Inconsistente. O elemento feminino é o único elemento a manifestar Procura de Cuidados. A esta categoria, está subjacente a problemática divisão de tarefas. Por conseguinte, a Prestação de Cuidados é somente expressa pelo elemento masculino, enquanto Reconhecimento e Responsividade. Do mesmo modo, a Prestação de Cuidados diz respeito à divisão de tarefas. Discurso que apresenta referência à manifestação de desejos e individualidade, é manifestado com a mesma frequência por ambos os elementos do casal. O mesmo é subcategorizado ao nível da própria relação do casal. Adicionalmente, o elemento masculino é o único elemento a manifestar Negociação.

Na interação diádica do C8, no que se refere à Procura de Cuidados, o discurso é subcategorizado enquanto Inconsistente, sendo sobretudo relativa ao tópico sogros e família. Assim, verifica-se o recurso constante à crítica ou desaprovação do comportamento do outro elemento. O discurso relativo à Procura de Cuidados é expresso com maior frequência pelo elemento feminino. Relativamente à Prestação de Cuidados, existe a manifestação exclusiva por parte do elemento masculino. O discurso relativo à Prestação de Cuidados é subcategorizado enquanto Reconhecimento. A Autonomia é manifestada maioritariamente pelo elemento feminino. O discurso relativo a esta categoria é subcategorizado na própria relação, pelo elemento masculino. O elemento feminino expressa Autonomia tanto na sua relação como para além da mesma. Assim, o casal refere que é possível ou necessário a expressão de desejos e individualidade, de um modo geral. Esta categoria é manifestada, sobretudo, pelo elemento feminino, em diferentes aspetos (e.g. religião e interesses). Adicionalmente, o elemento feminino é o único elemento a manifestar Negociação.

4. Discussão

As experiências de vinculação na infância/adolescência apresentam uma relação significativa ao nível da capacidade de estabelecer relações afetivas na idade adulta, pelo que a qualidade dessas experiências é fundamental no desenvolvimento de um sentimento de confiança e segurança em si próprio e nos outros (Soares, 1996). O estabelecimento de relações afetivas na idade adulta possibilita o estabelecimento da intimidade, sendo este crucial para que o sujeito adquira novas tarefas desenvolvimentais (Faria et al., 2007).

A intimidade é inevitavelmente influenciada pelo género. Homens e mulheres experienciam intimidade de diferentes formas (Bergaman & Surrey, 1992; Kantor & Okun, 1989; Osherson, 1991). A identificação de regras e expectativas sociais na expressão de intimidade constitui-se uma componente importante na forma como a intimidade é criada e mantida (Gaia, 2002).

O presente estudo pretendeu identificar semelhanças/diferenças ao nível discursivo e em função do género naquelas que Cassidy (2001) menciona serem as quatro capacidades básicas para o estabelecimento da intimidade: capacidade de procurar cuidados, capacidade de prestar cuidados, conforto com a autonomia e capacidade de negociação.

A capacidade de Procura de Cuidados no contexto de uma relação íntima indica quão confiante o sujeito está de que o seu parceiro será capaz de proporcionar suporte e proteção de um modo eficaz. No presente estudo, de um modo geral, é mais frequente a expressão de Procura de Cuidados por parte do elemento feminino. Mais especificamente, enquanto Consistente, existe uma maior expressão, também, por parte do elemento feminino. A expressão

enquanto Inconsistente, é manifestada com a mesma frequência por ambos os elementos (feminino e masculino).

A manifestação de Procura de Cuidados, mais frequente, por parte do elemento feminino vai de encontro aos resultados encontrados no estudo de Vieira (2008). Ao pretender compreender a complexidade das relações íntimas à luz da teoria da vinculação, Vieira (2008), verificou que os elementos femininos das díades tendiam a manifestar mais comportamentos de Procura de Cuidados do que os seus companheiros, sinalizando assim o seu desconforto e *distress*. O facto dos homens tenderem a ser mais individualistas e menos expressivos emocionalmente (Gilligan, 1982 cit in. Pietromonaco & Carnelley, 1994) poderá justificar o facto do elemento masculino da díade, do presente estudo, manifestar menos frequentemente, relativamente ao elemento feminino, Procura de Cuidados.

Concretamente, a manifestação de Procura de Cuidados, enquanto Consistente, remete para, uma sinalização clara e objetiva do *distress*. No presente estudo, a Procura de Cuidados ao nível consistente, é na maioria das vezes, realizada pelo elemento feminino.

A expressão enquanto Inconsistente, manifestada com a mesma frequência por ambos os elementos, indica um pedido de cuidados ineficaz. O mesmo remete para a culpabilização do companheiro face ao *distress* experienciado. Tal inadequação poderá proporcionar a não identificação dos sinais de *distress* expressos e a adoção de uma postura pautada pela defensividade e retraimento. Por conseguinte, poderá conduzir a um desajuste face às necessidades e a uma menor eficácia ao nível da Prestação de Cuidados.

A sinalização clara e objetiva de necessidade de cuidados por parte de um elemento feminino deverá proporcionar no outro elemento maiores esforços para reduzir o *distress* e consequentemente Prestação de Cuidados mais frequentes (Collins & Feeney, 2000).

A capacidade de Prestar Cuidados relaciona-se com a abertura e atenção ao que está a ser partilhado e no fornecimento de apoio e cuidados respetivos. De um modo geral, no presente estudo, é mais frequente a expressão de Prestação de Cuidados por parte do elemento feminino. Ao nível das subcategorias (Reconhecimento e Responsividade) existe, também, uma maior expressão por parte do elemento feminino. Esta expressão constitui-se, na maioria das vezes, ajustada às necessidades evidenciadas, pretendendo minimizar o *distress* manifestado pelo companheiro. Adicionalmente, permite a representação do outro elemento como sendo mais eficaz e como estando mais disponível.

De acordo com os dados observados por Crowell e cols. (2002) e com o estudo realizado por Vieira (2008), os elementos masculinos do casal apresentam uma relação positiva e significativa entre a Procura e Prestação de Cuidados no mesmo sujeito e uma concordância entre os comportamentos de Procura de Cuidados por partes destes e comportamentos de Prestação de Cuidados por parte das companheiras. Deste modo, sugere-se uma natureza

recíproca do processo. No presente estudo, não se verifica tal tendência. A Procura de Cuidados não se relaciona com a Prestação de cuidados, não indo de encontro à natureza recíproca do processo. Esta não verificação de tal flexibilidade e reciprocidade ao nível da Procura e Prestação de cuidados revela uma tendência para a apresentação de dificuldades de regulação emocional (Lima, 2009). No estudo realizado por Vieira (2008), também não se verifica esta tendência no que concerne aos elementos femininos. A Procura de Cuidados por parte do elemento feminino não se relaciona com a própria Prestação de Cuidados nem com a Prestação de Cuidados por parte do companheiro.

O estabelecimento de autonomia na idade adulta constitui-se uma tarefa de desenvolvimento central (Soares, 2007). A existência de um equilíbrio entre o estabelecimento de autonomia e intimidade torna-se fundamental para que o sujeito assuma novos desafios desenvolvimentais. De acordo com Sroufe, Egeland, Carlson e Collins (2005) o desenvolvimento de relações de cariz amoroso exige um balanceamento entre a construção de autonomia por um lado e da intimidade por outro. Deste modo, a autonomia assume-se como crucial no desenvolvimento da intimidade pois permite estar próximo do outro sem que para isso seja necessário anular as necessidades e objetivos do *self*.

No presente estudo é mais frequente a expressão de autonomia por parte do elemento feminino. Ao nível das subcategorias (Na relação e Fora da relação) existe, também, uma maior expressão por parte do elemento feminino.

A Prestação de Cuidados parece estar associada a um maior equilíbrio entre as necessidades de cada um dos elementos da díade e as necessidades da relação (Lima, 2009). Os resultados do presente estudo remetem para a capacidade de organizar coerentemente a experiência, proporcionando a representação da relação como promotora da autonomia e desenvolvimento pessoal. Esta representação, poderá se mostrar coerente com comportamentos de confiança e proximidade emocional que potenciam o funcionamento individual e o envolvimento com o outro (Vieira, 2008). Ainda, sendo a relação promotora de autonomia e potenciadora de um crescimento relacional poderá revelar também uma associação positiva à qualidade global da relação (Collins & Feeney, 2000).

O estabelecimento de intimidade inclui altos níveis de proximidade, comunicação e afeto (Heller & Wood, 1998). A este nível, ao termos em conta o papel da socialização de género verifica-se que estas características tendem a ser maioritariamente manifestadas pelas mulheres, já que estas são encorajadas para tal.

As revelações emocionais na interação diádica do casal são influenciadas pelo próprio género e pelas características pessoais dos recetores da revelação (Snell et al., 1988). As mulheres têm mais necessidade de revelar as suas emoções com outras pessoas (William, Rowland & Sharyn, 1989).

A comunicação constitui-se um fator facilitador ou de impedimento para o estabelecimento de intimidade. Os casais que possuem uma comunicação adequada experienciam altos níveis de intimidade (Haring, Day & Gangamma, 2014). Alguns estudos revelam diferenças de gênero, nas relações íntimas, ao nível da comunicação (Gaia, 2002; Hooket et al., 2003). Os homens apresentam alguma dificuldade em expressar os seus sentimentos, relativamente às mulheres. Contudo, Cordova, Gee e Warren (2005) referem que apesar da dificuldade na expressão emocional manifestada pelos homens, estes não apresentam dificuldade na identificação das mesmas.

A maior sinalização de Procura de Cuidados e a clareza e objetividade da mesma por parte do elemento feminino, verificado no presente estudo, vai de encontro à dificuldade dos homens expressarem os seus sentimentos, tal como os estudos acima referidos indicam. Adicionalmente, verifica-se a maior manifestação de Autonomia, por parte do elemento feminino. Este dado poderá indicar uma maior facilidade comunicacional e de expressão dos seus desejos e individualidade por parte deste elemento.

A resolução de conflitos e a intimidade constituem-se elementos cruciais nas relações amorosas (Laurenceau, Troy & Carver, 2005). Alguns estudos encontram diferenças de gênero no que se refere à resolução de conflitos (Feldman & Gowen, 1998; Hojjat, 2000; Schwarzwald & Koslowsky, 1999). Deste modo, os homens recorrem mais à coerção enquanto as mulheres expressão as suas emoções negativas (Keashly, 1994). Adicionalmente, os homens revelam mais revolta/raiva e as mulheres recorrem mais à crítica (Peplau, 1983).

Segundo Hoffman (1997, cit. in Cassidy, 2001) intimidade não significa proximidade mas a capacidade de negociar essa proximidade. No presente estudo é mais frequente a expressão de negociação por parte do elemento masculino.

De acordo com Crowell e colaboradores (2002), os comportamentos de procura e prestação de cuidados possuem um impacto significativo sobre os comportamentos de gestão de conflito do próprio sujeito (Lafontaine, Bélanger & Gagnon, 2009). A procura eficaz de cuidados, segundo Lafontaine e colaboradores (2009), relaciona-se a uma maior capacidade de resolução de problemas. Esta relação poderá ser justificada devido a uma maior capacidade para identificação e reconhecimento e uma maior abertura perante o posicionamento do outro elemento da díade.

Os resultados encontrados corroboram os verificados por Lima (2009). A representação do outro como disponível e responsivo associa-se ao balanceamento do self outro, num processo em que a resolução de conflito e a capacidade de negociação é tido como equilibrado e satisfatório para a díade.

A qualidade da interação dos casais relaciona-se significativamente com a riqueza e complexidade do processo de resolução de conflito, que engloba as competências dos mesmos

para colaborar e negociar, realizando cedências tem em vista o bem comum (Collins & Feeney, 2000).

5. Conclusões

A formação de estereótipos é vista como resultante do sistema de valores dos sujeitos e constitui-se uma ordem significativa da realidade que lhes permite orientar-se e adaptar-se (Amâncio, 1994). Os traços dos estereótipos estão associados a expectativas de comportamento sobre a forma de teorias implícitas da personalidade que orientam determinados comportamentos assim como juízos avaliativos sobre esses comportamentos. Os primeiros estudos comparativos sobre as imagens do masculino e do feminino foram elaborados por investigadores europeus. Rocheblave-Spenlé (1964), ao realizar um estudo sobre os conteúdos dos estereótipos, conclui uma associação entre a estabilidade emocional, dinamismo, agressividade e autoafirmação e o estereótipo masculino e uma associação entre a instabilidade emocional, passividade, submissão e orientação interpessoal e o estereótipo feminino. Os estudos sobre os estereótipos sexuais mostram que os traços de instrumentalidade, independência e dominância são associados ao masculino e que traços de expressividade, dependência e submissão são associados ao feminino. A constatação repetida desses estudos indica que as qualidades consideradas necessárias para a idade adulta (capacidade de pensamento autónomo, tomada de decisão e ação responsável) são associadas à masculinidade. Estudos sobre androginia revelam uma maior adaptabilidade dos homens a diferentes situações. Estes estudos evidenciam a orientação do papel masculino ser muito semelhante ao modelo dominante da individualidade que é caracterizado pela procura de singularidade através da diferenciação entre si e os outros (Amâncio, 1992). De um modo geral, o estereótipo masculino resulta de um modelo subjetivo de pessoa autónoma e internamente determinada enquanto o estereótipo feminino traduz um modelo de pessoa condicionada a uma função social específica e orientada para contextos de interdependência afetiva ou sexual.

O presente estudo, ao incidir nas questões de género ao nível da interação diádica, encontra algumas semelhanças/diferenças, nomeadamente nas dimensões a que se propôs explorar (procura de cuidados, prestação de cuidados, autonomia e negociação). Os quatro princípios para o estabelecimento da intimidade, sobre os quais este estudo incidiu, são de um modo geral, maioritariamente verificados no elemento feminino. Para além disso, os resultados verificados apontam para uma adequabilidade no pedido e prestação de cuidados, no processo de resolução de conflitos e tomada de decisões e na expressão da individualidade. Deste modo, os resultados encontrados não vão de encontro aos primeiros estudos sobre as imagens do masculino e feminino nem apresentam concordância com os estudos sobre os estereótipos,

anteriormente mencionados. As características de instabilidade emocional, passividade, dependência e submissão associadas ao elemento feminino, não se verificam no presente estudo. Os resultados verificados indicam que o elemento feminino evidencia uma sinalização de necessidade de cuidados, bem como é capaz de fornecer apoio ao seu parceiro. Adicionalmente, os resultados revelam que o elemento feminino expressa os seus desejos e individualidade na relação.

Apesar de ser sugerido que homens e mulheres possam definir a intimidade de diferente forma os resultados empíricos indicam que, na maior parte dos casos, homens e mulheres relatam significados e experiências idênticos de intimidade emocional. Os homens e mulheres podem possuir ideias idênticas daquilo que é a intimidade embora encontrem diferentes formas de expressão.

Contrariamente aos estereótipos de género, homens e mulheres requerem intimidade embora ambos possam pensar de diferentes formas acerca da mesma. Deste modo, em vez de sugerir que homens e mulheres estabelecem um conjunto de capacidades para o estabelecimento da intimidade, a exploração da perspectiva do que cada um pensa sobre aquilo que envolve e requer a intimidade é essencial.

6. Limitações e implicações para investigação futura

Ao longo das últimas décadas, as questões ao nível do género têm sido alvo de constantes debates e investigações. Adicionalmente, o estudo relativamente à interação diádica também não é recente. Ainda assim, no que diz respeito ao género na interação diádica do casal, não existe em abundância estudos que se debrucem particularmente sobre esta temática. Neste sentido, o presente estudo procurou contribuir para uma maior compreensão das questões de género ao nível da interação diádica do casal.

Não obstante há sua pertinência, este trabalho apresenta algumas limitações. Os dados utilizados no presente trabalho resultam de uma investigação anterior que apresenta objetivos distintos. Deste modo, seria particularmente enriquecedor uma recolha de dados que se circunscrevesse às dimensões abordadas neste trabalho.

O recurso a uma amostra reduzida, no presente estudo, poderá ser identificado como uma limitação. O presente estudo utiliza uma metodologia qualitativa que se caracteriza, muitas vezes, por amostras de pequena dimensão. Assim, futuramente seria pertinente estudar as questões de género na interação diádica do casal, recorrendo a uma amostra de maior dimensão.

Epstein e Baucon (2002) consideram que a presença de sintomas psicopatológicos em pelo menos um dos elementos da díade, pode influenciar a interação do casal. A relação conjugal pode potenciar o desenvolvimento da sintomatologia psicopatológica, tal como, a

presença sintomatológica pode ter um impacto negativo no funcionamento da díade. Deste modo, futuros trabalhos de investigação podem incluir a avaliação da psicopatologia em cada um dos elementos da díade.

De acordo com a teoria do desenvolvimento familiar, as dificuldades ao nível do *distress* conjugal podem variar conforme o estágio desenvolvimental do ciclo de vida familiar em que o casal se encontra (Miller, Yongason, Sandberg & White, 2003). A parentalidade e a progressão na carreira profissional podem influenciar a natureza e o tipo de problemas conjugais, bem como a severidade e intensidade com que esses problemas são experienciados pelos elementos do casal (Henry & Miller, 2004). Sugere-se que os futuros trabalhos de investigação incidam sobre os diferentes estádios do ciclo de vida familiar, percebendo de que forma os mesmos interferem no relacionamento do casal.

O presente estudo pretendeu analisar as semelhanças e diferenças, do ponto de vista discursivo e em função do género, semelhanças/ diferenças no que se refere à Procura de Cuidados, Prestação de Cuidados, Autonomia e Negociação. Deste modo, investigações futuras podem atender a outros aspetos na identificação e compressão das questões de género ao nível da interação diádica.

Bibliografia

- Abodim, S. (2010). Género, Família e mudança em Portugal. In K. Wall, S. Aboim & V. Cunha, *A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Albarello L., Digneffe F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy D.& Georges P.(1995). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. 1ª edição.
- Amâncio, L. (1994) *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Porto:Edições Afrontamento.
- Amâncio, L. (1999). *Sexo e Género: para uma teoria psicosociológica da relação de dominação entre os sexos*. Lisboa: Instituto Superior de Ciência do Trabalho e da Empresa.
- Anderson, M. (1997).*Thinking about women: Sociological perspectives on sex and gender*. New York: Macmillan Publishing.
- Anderson, M (2005). Theorizing gender in intimate partner violence research.*Sex Roles*, 52,853-865.
- Barberá, E. (2005). Perspectivasócio-cognitiva: estereotipos y esquemas de género. *Psicologia y género* (p.55-80). Madrid: Pearson.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bourhis, R. Y, Gagnon, A. e Moise, L. C. (1996). “ Discriminacion y relacionesintergrupales.” In R. Y. Bourhis,. E J. Leyens (1996). Estereotipos, discriminacion u relaciones entre grupos (pp. 139-169). Madrid: Mac Graw-Hill.

Brennan, K.A. & Shaver, P.R. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 267-283.

Burr, V. (1995) *An introduction to Social Constructionism*. London: Routledge.

Cassidy, J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3(2), 121–156.

Cassidy, J. (2008). The nature of the child's tie. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 3-22). New York, NY: The Guilford Press.

Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2000). Safe haven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(6), 1053–1073.

Cordova, J., Gee, C., & Warren, L. (2005). Emotional skillfulness in marriage: Intimacy as a mediator of the relationship between emotional skillfulness and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24(2), 218-235.

Crawford, M. (1995). *Talking Difference. On gender and language*. London: Sage.

Crowell, J. & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In Clulow, C.(Ed.). *Adult attachment and couple psychotherapy: the 'secure base' in practice and research*. (pp. 28-42). Sussex: Brunner-Routledge

Dey, I. (1993) *Qualitative Data Analysis: a user friendly guide for social scientists*. 1ª edição.

Dezin, N. K. (1995). Symbolic Interactionism. *Rethinking Psychology*. London: Sage.

- Dias, A. C., & Machado, C. (2008) Género e violência conjugal-uma relação cultural. *Análise Psicológica*, No 26, 571-586.
- Eryilmaz. A. & Atak. H. (2011) Investigation of starting romantic intimacy in emerging adulthood in terms of self-esteem, gender and gender roles.
- Faria, C. F., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007) Vinculação na idade adulta.. In I. Soares (Coord.). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação*. Braga, Portugal: Psiquilíbrios Edições
- Feeney, J. A.; Noller, P.; and Patty, J. (1993). Adolescents' Interactions with the Opposite Sex: Influence of Attachment Style and Gender. *Journal of Adolescence* 16, 169–186.
- Gaia, C. A. (2002). Understanding emotional intimacy: a review of conceptualization, assessment and the role of gender. *International Social Science Review*.
- Gilligan, C. (2012). Looking Back to Look Forward: Revisiting in a Different Voice.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas*. 1ª edição. Príncipia Editora.
- Heller, P. E., & Wood, B. (1998). The process of understanding intimacy: Similarity, understanding, and gender. *Journal of Marital and Family Therapy*, 24(3), 273-288.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–24.
- Harin, H. Day, R. Ganganna, R. (2014) Couple Communication, Emotional and Sexual Intimacy, and Relationship Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*.

- Hesse, E. (2008). The adult attachment interview: Protocol, method of analysis, and empirical studies. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 552-598). New York, NY: The Guilford Press.
- Heyman, R. E. (2001). Observation of couple conflicts: Clinical assessment applications, stubborn truths, and shaky foundations. *Psychological Assessment*, *13*(1), 5-35.
- Hook, M. K., Gerstein, L. H., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How close are we? Measuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling & Development*, *81*, 462-472.
- Kerig, P. Baucom, D. (2004) *Couple Observational Coding Systems*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Lima, V.S. (2009). *Vinculação, Representação da relação íntima e Interação Diádica em adultos*. Tese de Doutorado. Braga: Universidade do Minho.
- Lima, V.S., Vieira, F. & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal.
- Miller, L., & White, N. A. (2003) Gender and adolescence relationship violence «: A contextual examination. *Criminology*, *41*, 1207-1248.
- Neves, S. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: o caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do "amor romantico"? *Estudos Feministas*.
- Nogueira C. (2001). Feminismo e Discurso do Género na psicologia Social. *Psicologia & Sociedade: revista da Associação Brasileira de Psicologia Social*.

- Nogueira, C., Neves, S., & Barboda, C. (2005). Fundamentos Construcionistas Sociais e Críticos para o estudo do Género. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, Vol. 2, pp. 1-15.
- Nogueira, C., & Saavedra, L. (2007). Estereótipos de género: conhecer para os transformar In *A Dimensão de Género nos Produtos Educativos Multimédia*, 11-30. Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Roisman, G. I., Collins, W. A., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2005). Predictors of young adults' representations of and behavior in their current romantic relationship: prospective tests of the prototype hypothesis. *Attachment & Human Development*, 7(2), 105–21.
- Shaffer, D. R. (1994). *Social andp Personality Development*. California.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Nelligan, J. S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: The role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62(3), 434–446.
- Simpson, J., Rholes, W., Orina, M. & Grich, J. (2002). Working models of attachment, support giving, and support seeking in a stressful situation. *Personality and Social Psychology Bulletin*.
- Sneed, J., Cohen, P., Chen, H., Johnson, J., Gilligan, C. (2006) Gender differences in the age-changing relationship between instrumentality and family contact in emerging adulthood.
- Soares, D. (2010) *O impacto dos problemas do casal no processo de interacção diádica: estudo exploratório* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal.

- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Braga, Portugal: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Soares, I. (2000). Introdução à psicopatologia do desenvolvimento: Questões teóricas e de investigação. In I. Soares (Coord.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 11-42). Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação*. Braga, Portugal: PsiquilíbriosEdições.
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *The Journal of Sex Research*, 39, 190–196.
- Tereno, S. (2008). Intergenerational approach of attachment: The contribution of intimate marital representations. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- Vieira, F. M. (2008). *Avaliação da representação das relações íntimas, comportamento diádico e percepção da vinculação: estudo exploratório* (Dissertação de mestrado não publicada). Braga: Universidade do Minho.
- Waters, E. & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child development*, 71(1), 164–72.
- Waters, E., Weinfield, N. S., & Hamilton, C. E. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General discussion. *Child Development*, 71(3), 703–706.
- West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). *Doing Gender, Gender and Society*.

West, C. & Zimmerman, D. H. (1991). *Doing Gender, The social construction of gender* (pp. 13-37). California : Sage.

Williams, J. E. e Best, D. L. (1990) *Measuring sex stereotypes- A multination study*. Newbury Park: Sage Publications, Inc.

Zeifman, D. & Hazan, C. (2008). Pair bonds as attachments: Reevaluating the evidence. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 436-455). New York, NY: The Guilford Press.

Anexos

Anexo 1- Unidades discursivas relativas à categoria Procura de Cuidados e manifestadas pelo elemento masculino

	Consistente	Inconsistente
C1	“sinto falta” (falar)	
C2	“eu andava sempre a puxar para sair, por exemplo ao fim de semana quase não saia, ou ao sábado ficava sempre em casa, e ficava um bocado frustrado”	“tu não compreendes o facto de eu também ter que sair”
C3	“Acho que é modificar, não exagerar tanto de tempo perdido com as amizades ou pelo menos não dar tanta ênfase(...) E tu teres mais paciência não teres tanto ciúme em certas situações!”	“quando temos uma discussão é sempre uma coisita destas (ciúmes).Ou porque fui tomar café com não sei quem ou porque fui ali ou porque telefonei e demorei muito tempo e não sei que mais!” “Não, és má quando te dão essas crises de ciumeira sem necessidade”
C4	“é mais um problema meu, não consigo dizer as coisas” “O meu problema é que às vezes tenho medo de dizer as coisas, tenho medo de estar a ser injusto” “O problema é que muitas vezes, eu estou triste e não tem nada a ver contigo, eu tenho que te dizer e tu tens que me perguntar!”	
C5	“tens de me ajudar, a mim, a mudar. Sem ajuda não vou a lado nenhum!” “tens que me ajudar a resolver o problema da comunicação!” “preciso da tua ajuda”	

<p>C6</p>	<p>“Às vezes faz-me confusão como é que não sabes aquilo que é tão obvio”</p> <p>“Tens de te por na pele dos outros que estão à seca!”</p> <p>“Não te esforças para perceber as coisas! Não ouves, não te concentras para apreender”</p> <p>“Deixares as pessoas à seca não é bonito!”</p>
<p>C7</p>	
<p>C8</p>	<p>“Causas-me um bocado de stress, onde é que foste, onde é que vais, a que horas chegas, porque é que tens de ir!”</p>

Anexo 2- Unidades discursivas relativas à categoria Procura de Cuidados e manifestadas pelo elemento feminino

	Consistente	Inconsistente
C1	“Aqueles situações, quando há um desentendimento, (...) da tua falta de acção”	
C2	“Chega para aqui, estou com frio, tu estás quentinho!”	
C3		
C4	“tens que pensar e dizer-me porque estás triste!” “tens que dizer que não sabes bem mas que não é nada comigo!”	“também te fechas e deixas me stressada sem saber o que fazer!”
C5	“Mas tens de falar sobre isso, porque queira ou não são os nossos problemas, se nós não falarmos quem é que vai falar!” “porque não há ligação o suficiente, nem há sentimento suficiente (...) é mau para mim!” (sexo)	“eu falo para ti e tu estás a olhar para o computador e eu continuo a falar e faço uma pergunta e não respondes” “Tu não ouves, eu falo para ti”
C6	“Mas às vezes, também falta ai uma coisa, que é a tua maneira de te expressares que pode não ser a melhor. Tu podes achar que estás a ser óbvio na explicação e as vezes num estas a ser assim tao explicito” “Não fazeres disso um bicho	

	de sete cabeças! “(estar á espera)	
	“podes trazer pão para casa, tu passas mesmo ali na padaria”	
	“Pagas as contitas que chegam por carta, vais ao Multibanco”	“tu não me ouves”
C7	“A roupa tens de ter cuidado para não a deixar dessarumada”	“o mínimo que podias ter feito era meter a louça na maquina de lavar”
	“ires para a cozinha, ajudares- me a fazer a comida”	
	“Quando vens do futebol, podias por a roupinha”	
		“Tu nem sempre achas que o nosso espaço e tão invadido como eu acho”
C8		“também não és a favor!” (ideias)
		“Não foste contra mim mas também não és a favor!”

Anexo 3 - Unidades discursivas relativas à categoria Prestação de Cuidados e manifestadas pelo elemento masculino

	Reconhecimento	Responsividade
C1		“tenho de perceber qual é a melhor altura para falar contigo sobre essas situações, se calhar não pode ser logo no imediato, terá de ser um bocadinho mais tarde”
C2		“ Tanto, às vezes, sairmos juntos como aproveitarmos, às vezes, estarmos aqui no nosso cantinho e conseguir dar um ao outro, a nível de carinho, de amor”
C3		
C4		“O problema é que muitas vezes, eu estou triste e não tem nada a ver contigo, eu tenho que te dizer e tu tens que me perguntar!”
C5		
C6		
C7	“Ora bem, divisão de tarefas, há uma certa dificuldade de eu cumprir com as minhas tarefas”	“Daqui para a frente não vai falhar mais nada!”
C8	“Espera aí, não te enerves! Porque é que estás nervosa?”	

Anexo 4 - Unidades discursivas relativas à categoria Prestação de Cuidados e manifestadas pelo elemento feminino

	Reconhecimento	Responsividade
C1	<p>“tu queres comunicar”</p> <p>“tu sentes falta (falar)”</p> <p>“sentes necessidade (falar)”</p>	<p>“tenho de controlar mais um bocadinho, a explosão”</p> <p>“e eu fazer um esforço para me abrir mais”</p>
C2		
C3		“tenho de confiar mais em ti!”
C4		<p>“como ainda hoje te perguntei se estavas triste”</p> <p>“tens que pensar e dizer-me porque estás triste!”</p> <p>“Eu tenho que acreditar!”</p>
C5		“eu tenho de ouvir e tentar entender a tua decisão e opinião!”
C6		“eu tenho de ser mais pontual”
C7		
C8		

Anexo 5 - Unidades discursivas relativas à categoria Autonomia e manifestadas pelo elemento masculino

	Na relação	Fora da relação
C1	<p>“em termos de conflitos, percebermos qual é o momento para comunicarmos os nossos pontos de vista, relativamente a esses conflitos, porque temos diferentes modos de abordar o conflito, os dois!”</p>	
C2		
C3	<p>“Se tu discordas com alguma coisa deves dizer!”</p>	
C4		
C5	<p>“eu não sou obrigado a concordar”</p>	<p>“Nem sempre se pode concordar com as mesmas coisas!”</p>
C6		
C7	<p>“Também conversamos atendendo aquilo que sentimos”</p>	
C8	<p>“eu posso ter uns interesses e tu teres outros!”</p> <p>“podes falar à vontade aquilo que pensas!”</p>	

Anexo 6 - Unidades discursivas relativas à categoria Autonomia e manifestadas pelo elemento feminino

	Na relação	Fora da relação
C1	<p>“Sim tu podias ser ateu e eu podia ser super católica”</p> <p>“ é podemos ter interesses diferentes e saber conjugar as coisas”</p> <p>“tu gostas de futebol e eu vou ao ginásio”</p>	
C2	<p>“respeitamos muito um ao outro”</p> <p>“se tiver de dar opinião tenho que dar”</p>	<p>“tem de se respeitar a opinião de cada um”</p> <p>“Também não sou da opinião que uma pessoa deve estar agarrada vinte e quatro horas por dia, todos os dias da semana”</p>
C3		
C4	<p>“pequenas coisas que temos só para nós, que não afectam o outro!”</p>	
C5	<p>“Porque quando eu tenho alguma coisa a falar, eu falo”</p> <p>“Não somos obrigados a gostar da mesma coisa”</p>	<p>“Dizer o que cada um pensa é bom!”</p>
C6		<p>“ no casamento se a outra pessoa ajudar o outro a outra pessoa passa a ser melhor”</p> <p>“ e tu seres melhor quando te casas ou juntas com outra pessoa”</p>
C7	<p>“Tu suportas que eu beba uma cervejola!”</p>	

C8

“Cada um faz o que quer,
ninguém critica
ninguém!”(religião)

“nós podemos ter diferentes
interesses mas se nos
respeitarmos não é problema
para que a relação não corra
bem!”

“ O facto de termos uma
relação não quer dizert que
estejamos sempre de acordo”

“Deve-se dar espaço à outra
pessoa para conversar”

“Acho que cada um tem a
religião que quer e pratica da
forma que quer”

“quando estamos a conversar
sobre algum assunto temos de
ter em conta o que a outra
pessoa sente!”

	Masculino	Feminino
	“conseguirmos falar abertamente sobre o problema”	
	“solução é respeitar mais um ao outro em termos daquilo que estamos a pensar e não tentar responder logo a quente, aquilo que, muitas vezes, não estamos a falar corretamente, não estamos a pensar e temos de esperar mais algum tempo para dizer aquilo que pensamos.”	
C1	“temos de fazer um esforço de parte a parte”	“temos de fazer um esforço de parte a parte”
	“para falares mais e para estares mais disponível”	
	“em termos de conflitos, percebermos qual é o momento para comunicarmos os nossos pontos de vista, relativamente a esses conflitos, porque temos diferentes modos de abordar o conflito, os dois!”	
	“temos de conciliar essas duas vertentes” (passiva e explosiva)”	

C2	“temos bem conciliado, bem repartido, as tarefas de casa.”	“e quando surge algo nós falamos na hora e tentamos que isso não se transforma num problema”
C3	“Acho que é modificar, não exagerar tanto de tempo perdido com as amizades ou pelo menos não dar tanta ênfase(...) E tu teres mais paciência não teres tanto ciúme em certas situações!”	
C4		<p>“E só no sentido de sabermos lidar com eles porque é uma questão de ao fim de semana estarmos muito cansados ou stressados e se calhra temos de saber gerir melhor o tempo!”</p> <p>“Ou seja temos de perceber que quando falamos um com o outro sobre isto ou aquilo não é para andarmos ali a re, oer porque não é para apontar o dedo é para ficarmos bem! Podemos dizer uma coisa, discutir ou não sei quê mas não é para ficarmos ainda mais tristes!”</p> <p>“O problema é que muitas vezes, eu estou triste e não tem nada a ver contigo, eu tenho que te dizer e tu tens que me perguntar!”</p> <p>“ou seja temos um compromisso que falamos até ao fim e minimizar os tempos de silêncio é para ficar esclarecido e se resolver mais depressa!”</p>
C5	“temos de conversar sobre os nossos problemas e resolvê-los”	“ A conversar é que a gente se entende!”
C6	“Temos de ter mais paciência”	“Em relação ao problema da explicação, é explicares uma vez se eu não entender explicares duas e eu igualmente, de outra maneira

		e com calma”
C7	Também conversamos atendendo aquilo que sentimos”	
C8		“nós podemos ter diferentes interesses mas se nos respeitarmos não e problema para que a relação não corra bem!”
		“quando estamos a conversar sobre algum assunto temos de ter em conta o que a outra pessoa sente!”
